



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Luísa Chaves Café

Os canais da comunidade científica de Museologia no Brasil:
um estudo de referências em artigos de periódicos

Brasília
2012

Luísa Chaves Café

Os canais da comunidade científica de Museologia no Brasil:

um estudo de referências em artigos de periódicos

Monografia como parte dos requisitos para o curso de graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Dr. Jayme Leiro Vilan Filho

Brasília

2012

C129c

Café, Luísa Chaves.

Os canais da comunidade científica de Museologia no Brasil : um estudo de referências em artigos de periódicos / Luísa Chaves Café. – 2012.

68 f. : il. ; 30 cm.

Monografia (graduação)–Universidade de Brasília; Faculdade de Ciência da Informação, 2012.

Inclui bibliografia.

Orientação: Jayme Leiro Vilan Filho.

1. Bibliometria. 2. Comunidade científica. 3. Canais de comunicação. 4. Museologia – Brasil. I. Vilan Filho, Jayme Leiro. II. Título.

CDU 001.891

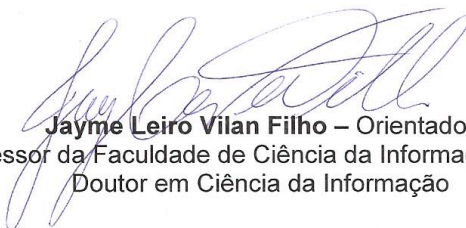


Título: Os canais da comunidade científica de Museologia no Brasil: um estudo de referências em artigos de periódicos.

Aluno: Luísa Chaves Café.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.


Brasília, 10 de julho de 2012.



Jayme Leiro Vilan Filho – Orientador
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação



Suzana Pinheiro Machado Mueller – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
PhD em Information Studies



Andrea Fernandes Considera – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Mestre em História

Aos meus pais, Ângela e Fernando Café.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial meus pais, Ângela e Fernando Café, pelo carinho, apoio e incentivo aos estudos. Ao meu irmão, Daniel Café, que foi sempre um exemplo de estudante e um grande companheiro, mesmo morando distante. Também a minha tia Lígia Café, pelas observações neste trabalho e principalmente por ter me mostrado a profissão de bibliotecário, na qual espero dedicar-me e ser feliz.

Às amigas de infância, Carol, Cristina, Laura e Míriam, que compreenderam minha ausência durante estes meses, e que estão sempre torcendo para que tudo dê certo na minha vida.

Aos amigos que fiz na faculdade, pelos conselhos durante a realização deste trabalho e por terem feito o meu tempo de Universidade tão agradável.

Àqueles que contribuíram diretamente com este trabalho: Iara Santo, pelo empréstimo de livros; Gabriela Bentes pela demonstração de projeto; Prof. Andréa Considera, pelas orientações referentes à pesquisa de Museologia; Alejandro Lorenzana, pela revisão do resumo em espanhol; Daniel Arcanjo e Miguel Ângelo, pela grande ajuda com a normalização da monografia.

Ao meu orientador, Jayme Leiro, pela dedicação durante todo o semestre.

“A ciência vai muito além da sua mera prática. Por trás das fórmulas complicadas, das tabelas de dados experimentais e da linguagem técnica, encontra-se uma pessoa tentando transcender as barreiras imediatas da vida diária, guiada por um insaciável desejo de adquirir um nível mais profundo de conhecimento e de realização própria.”

(GLEISER, Marcelo, 2006)

RESUMO

Apresenta estudo da área de Comunicação Científica referente aos canais de comunicação mais utilizados na comunidade científica de Museologia. Visa identificar características relativas aos canais de comunicação formal utilizados por autores de artigos de periódicos de Museologia. Apresenta revisão de literatura sobre a comunicação científica em geral e sobre aspectos relevantes para o estudo, como canais de comunicação e comunidades científicas. A revisão também abrange assuntos referentes à Museologia e sua definição como ciência. Expõe o problema causado pela falta de conhecimento sobre a comunidade científica de Museologia e levanta questões sobre os canais utilizados pelos autores da área. O objetivo da monografia é identificar como são os canais de comunicação formal da área de Museologia em relação a: tipo de documento, idioma e nacionalidade. Apresenta um estudo descritivo baseado em método quantitativo e que utiliza a bibliometria em sua metodologia. Utiliza tabela de números aleatórios para coleta de amostra de artigos da base ABCDM e analisa as referências destes artigos. Apresenta modelo do formulário utilizado para a contagem de dados. Conclui que os documentos mais citados são livros, seguidos pelos artigos de periódicos. Afirma que os documentos referenciados são, em maioria, publicados no Brasil e em língua portuguesa. Levanta questões e hipóteses sobre os resultados obtidos.

Palavras-chave: Bibliometria. Comunidade científica. Canais de comunicação. Museologia. Brasil.

RESUMEN

Presenta el estudio del área de la Comunicación Científica referente a los canales de comunicación más utilizados en la comunidad científica de Museología. El objetivo es identificar las características relativas a los canales de comunicación formal utilizados por los autores de los artículos de las revistas científicas de Museología. Presenta la revisión de la literatura sobre la comunicación científica en general y sobre aspectos pertinentes para el estudio, como canales de comunicación y comunidades científicas. La revisión también incluye temas relacionados con la Museología y su definición como ciencia. Expone el problema causado por la falta de conocimiento sobre la comunidad científica de Museología y expone cuestiones sobre los canales utilizados por los autores del área. El objetivo de la monografía es identificar como son los canales de comunicación formal del área de Museología en relación a: tipo de documento, lengua y nacionalidad. Presenta un estudio descriptivo basado en un método cuantitativo que utiliza la bibliometría en su metodología. Utiliza la tabla de números aleatorios para la coleta de muestra de artículos de la base ABCDM e analiza las referencias de estos artículos. Presenta un modelo del formulario utilizado para la cuenta de datos. Concluye que los documentos más citados son los libros, seguidos por los artículos de revistas. Afirma que los documentos citados son, en mayoría, publicados en Brasil y en lengua portuguesa. Apunta cuestiones e hipótesis sobre los resultados obtenidos.

Palabras-clave: Bibliometría. Comunidad científica. Canales de comunicación. Museología. Brasil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo de Garvey/Griffith.....	21
Figura 2 – Modelo Unisist atualizado por Sondegaard.....	22
Gráfico 1 – Percentual de referências por tipo de documento	43
Gráfico 2 – Média de referências por artigo segundo tipo de documento	43
Gráfico 3 – Percentual de referências por nacionalidade	45
Gráfico 4 – Média de referências por artigo segundo sua nacionalidade.....	46
Gráfico 5 – Percentual de referências por idioma	47
Gráfico 6 – Média de referências por artigo segundo idioma.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de citações de tipos diferentes de publicação na ciência e nas ciências sociais.....	19
Tabela 2 – Referências de artigos de Museologia categorizadas por tipo de documento	42
Tabela 3 – Referências de artigos de Museologia categorizadas por Nacionalidade.	44
Tabela 4 – Referências de artigos de Museologia categorizadas por idioma	46

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABCDM – Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação e Museologia

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação

Brapci – Base de dados referencial de artigos de periódicos em Ciência da Informação

Capes – Centro de aperfeiçoamento do Ensino Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CUDOS – Communalism, Universalism, Disinterestedness, Scepticism

EUA – Estados Unidos da América

Espan – Espanhol

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

MFN – Master File Number

Port – Português

RU – Reino Unido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	REVISÃO de Literatura	14
2.1	A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	14
2.2	BREVE HISTÓRICO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	16
2.3	A COMUNIDADE CIENTÍFICA	17
2.4	CANAIS DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	19
2.5	FLUXOS DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA	20
2.6	COMUNICAÇÃO FORMAL X INFORMAL	22
2.7	MUDANÇAS TECNOLÓGICAS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	23
2.8	MÉTODOS PARA ANALISAR A PRODUÇÃO CIENTÍFICA	24
2.9	A MUSEOLOGIA.....	25
2.9.1	<i>Breve histórico da Museologia.....</i>	<i>26</i>
2.9.2	<i>A Museologia como ciência.....</i>	<i>27</i>
2.9.3	<i>A produção científica de Museologia no Brasil.....</i>	<i>29</i>
3	PROBLEMA.....	31
4	PERGUNTAS.....	32
5	OBJETIVO	33
5.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	33
6	METODOLOGIA.....	34
7	DESENVOLVIMENTO	37
7.1	OBTENÇÃO DA AMOSTRA	37
7.2	CONTAGEM	37
7.2.1	<i>Critérios.....</i>	<i>38</i>
7.3	CONFERÊNCIA	39
7.4	PREENCHIMENTO DE PLANILHAS	39
7.5	CRIAÇÃO DE TABELAS E GRÁFICOS	39
8	RESULTADOS.....	41
8.1	TIPO DE DOCUMENTO.....	41
8.2	NACIONALIDADE.....	44
8.3	IDIOMA	46
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS.....	51
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO.....	54
	APÊNDICE B – ARTIGOS DA AMOSTRA	56

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia apresenta estudo sobre os canais de comunicação utilizados por autores de artigos de periódicos de Museologia publicados no Brasil. O tema proposto compõe uma área de estudo pertencente à Comunicação Científica. O objetivo do estudo é identificar características relacionadas aos canais utilizados por autores da área de Museologia. Especifica-se que as características estudadas se referem a tipo de documento, idioma e nacionalidade dos documentos mais citados pelos autores de Museologia. O estudo utilizou as referências bibliográficas de artigos de Museologia como objeto de análise. .

Têm-se conhecimentos de estudos sobre diferentes comunidades científicas utilizando indicadores bibliométricos. No entanto, a partir de pesquisas feitas em bases como Portal da Capes, e em periódicos especializados em Museologia ou Ciência da Informação, constata-se a ausência de análises sobre a comunidade científica de Museologia. A falta de conhecimento sobre uma comunidade científica gera dificuldades aos profissionais da informação que atendem estes pesquisadores. Além disso, é interessante que pesquisadores conheçam como é o uso dos canais nos quais eles publicam.

A monografia apresenta uma revisão de literatura referente à comunicação científica em geral, seu histórico, aos canais de comunicação, às comunidades e outros assuntos relevantes para o estudo. Também estão presentes na revisão, estudos sobre a Museologia, seu histórico e suas definições como ciência. Em seções seguintes a revisão de literatura, o trabalho expõe os problemas gerados devido à falta de estudos sobre esta comunidade.

O estudo representará uma fonte de informação relevante para bibliotecários e profissionais da informação que buscam atender com eficiência pesquisadores museólogos. Especialmente no momento em que há a criação de vários cursos universitários da área no país. Julga-se que as informações obtidas com o estudo também seja de interesse daqueles que compõem a comunidade científica de Museologia.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura desta monografia apresenta brevemente aspectos da comunicação científica, seu histórico, assim como questões sobre comunidades científicas e canais de informação utilizados por pesquisadores. Fluxos de informação, diferentes modelos de comunicação e novas tecnologias na comunicação científica são outros temas inseridos nesta revisão, além de questões sobre os métodos utilizados no estudo, como a bibliometria, e sobre a ciência da comunidade a ser estudada, a Museologia. Após leitura da revisão o leitor estará ciente do contexto do estudo.

2.1 A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A Ciência é um Conhecimento Público, no sentido de que os conhecimentos científicos devem ser disponibilizados e publicados, após passar por uma etapa de análises críticas (ZIMAN, 1979). Para disponibilizar e difundir estes conhecimentos, é necessário que haja comunicação entre os membros de uma comunidade científica.

Para Garvey (1979, p. ix) a definição da comunicação científica inclui

o conjunto de atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma idéia para pesquisar, até que a informação acerca dos resultados seja aceita como constituinte do conhecimento científico (tradução de Miranda e Pereira, 1996).

Segundo Ziman (1979, p. 25), a pesquisa constitui uma etapa fundamental na aquisição do conhecimento científico, que deve basear-se em observações e experiências. A comunicação científica é a forma de divulgar a pesquisa científica, definida pelo autor como uma atividade social.

Um dos aspectos da comunicação formal entre pesquisadores que a diferencia da comunicação em outros contextos é a revisão por pares, considerada um processo essencial na comunicação científica, no qual outros cientistas analisam criticamente as idéias expostas e determinam se elas podem ser aceitas no meio científico. Este processo representa também um controle de qualidade, pois o pesquisador científico, dentro de sua área de atuação, tem padrões críticos muito elevados em relação as argumentações e hipóteses (ZIMAN, 1979). Meadows (1999) reafirma a necessidade desta revisão, pois com o crescimento do número de pesquisadores também cresceu a necessidade de

supervisão e garantia de qualidade daquilo que é publicado. A importância da revisão por pares também se justifica devido ao fato de que a informação científica divulgada deve ter as qualidades de confiabilidade e credibilidade (MUELLER; CAMPELLO; DIAS, 1996).

Dentro de qualquer comunidade científica, a comunicação eficaz é essencial para o avanço e descobrimento de novas técnicas. É de responsabilidade dos bibliotecários, cientistas da informação, e outros profissionais da informação, estar cientes dos meios para melhorar a comunicação entre pesquisadores (MEADOWS, 1999). Suaiden (2000, p. 11) reforça a importância da comunicação científica como objeto de estudo da Ciência da Informação. Segundo ele, “a preocupação com a comunicação científica estava entre as forças motivadoras da emergência da Ciência da Informação como área de estudo no pós-guerra, e continua ocupando posição central em seu desenvolvimento”. Ainda que a importância do estudo da comunicação científica seja um consenso, Miranda e Pereira (1996) expõem a realidade de que cientistas são treinados para pesquisarem da melhor forma possível porém, desconhecem a distribuição daquilo que publicam e como seus trabalhos afetam a comunidade científica.

A observação do processo de comunicação de uma comunidade, depende da análise da literatura publicada, como periódicos, livros, e em especial artigos, documento enfatizado neste trabalho. Price (1976), no entanto, não atribui tanta importância ao artigo. Segundo ele, a publicação de um artigo científico não é a atividade fim de um pesquisador, mas sim, apenas uma forma de comunicar-se com a comunidade científica.

O estudo da comunicação científica torna-se mais necessário e expressivo na medida em que ocorre o crescimento da produção literária científica e do número de pesquisadores. Em 1971, Price (p. 1) constatou que estavam vivos de 80 a 90 por cento de todos os cientistas que já existiram. O autor define que o crescimento da ciência era maior e mais expressivo do que o crescimento demográfico, observado mundialmente. Meadows (1999) também afirma que o nível de escolaridade geral cresce mais do que número de pessoas durante o último século. De fato, tanto o crescimento do nível de educação quanto o de quantidade de pessoas favoreceu o crescimento da comunidade científica, segundo o autor.

Este crescimento da ciência resultou na transição gradual de uma Pequena Ciência para uma Grande Ciência, como proposto por Weinberg (PRICE, 1976). A

primeira refere-se a uma comunidade de baixa produção, que trabalha individualmente, sem grandes interações. As Grandes Ciências funcionam de maneira oposta, com grande quantidade de trabalho publicados, geralmente criados a partir de colaborações. O autor compara esta transição ao mercado de valores, com pequenas flutuações periódicas. Além destas mudanças, Meadows (1999) afirma que há uma crescente especialização das revistas, o que pode indicar uma maior ramificação e separação entre as áreas de conhecimento.

2.2 BREVE HISTÓRICO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Meadows (1999) apresenta um breve histórico da comunicação científica e principalmente, do periódico científico. Começando na antiga Grécia, ou a Academia, onde aconteciam debates filosóficos. Estes eram posteriormente registrados em manuscritos. Depois, a criação da imprensa na Europa transformou a difusão do conhecimento e impulsionou a criação dos correios, para melhorar o transporte de material impresso e manuscrito. Junto com os sistemas postais, surgiram os periódicos, muito diferentes dos que temos hoje. Antes eram folhas noticiosas podendo ou não ser de caráter oficial. Com o tempo, estas publicações tornaram-se cada vez mais regulares. São estes primeiros periódicos, publicados no séc. XVII, que representam o início do modelo moderno de comunicação científica (LARA, 2006, p. 395). Miranda e Pereira (1996) confirmam este estado inicial do periódico e completam que o periódico evoluiria gradualmente a um canal de divulgação do conhecimento produzido por pesquisas científicas. “A publicação resultante dessas iniciativas foi evidentemente o ancestral do jornal moderno, que também serviu de modelo para o surgimento da revista científica.” (MEADOWS, 1999, p.4). O periódico científico surgiu para facilitar a confecção de cartas entre um círculo de amigos que debatem entre si. Porém, o principal motivo do surgimento do periódico científico foi a necessidade de comunicação mais eficiente entre leitores interessados em novas pesquisas, cada vez em maior número. Mais tarde no séc. XVII, a Royal Society, na Inglaterra, lança o *Philosophical Transactions* como um dos primeiros periódicos científicos oficial, junto com o *Journal des Savants*, na França. Com o tempo, os artigos foram formalizando e sendo mais estruturados. Price (1976) considera que o surgimento de artigos breves, escritos individualmente, foi uma

inovação na comunicação científica. No entanto, essa inovação enfrentou resistência por parte dos cientistas, como quase toda grande mudança dentro de uma comunidade.

Com o surgimento das redes eletrônicas, as concepções de elementos da comunicação científica foram alteradas, assim como prioridades em relação ao conhecimento científico. Por isso, evidencia-se discussões a respeito deste novo modelo de comunicação (LARA, 2006, p. 395).

2.3 A COMUNIDADE CIENTÍFICA

A comunidade científica tem características próprias que estão diretamente relacionadas à produção literária, ou seja, à comunicação científica. O próprio cotidiano do pesquisador é diferenciado em relação à outras profissões (ZIMAN, 1979). Segundo Ziman (1979, p. 139), vários cientistas trabalham para instituições burocráticas como empresas, universidades, etc. Nestes casos, os cientistas com maior capital científico adquirem funções administrativas como chefes de departamentos e diretores, mesmo que estes cargos não sejam almejados pelos cientistas. Segundo Bourdieu (1983), entende-se como capital científico a autoridade científica de um pesquisador. É obtido através do reconhecimento do trabalho dos cientistas. Este capital pode ser acumulado, transmitido e, em alguns casos, convertido em outras espécies. Ortiz (1983) afirma que pesquisadores com grande capital científico são reconhecidos, possuem maior celebridade, prestígio e poder de influência e imposição àqueles com menor capital.

Outra característica da profissão de cientista é a “liberdade de escolha e de ação nas suas pesquisas.” Ziman (1979) afirma, utopicamente, que depois da estabilidade profissional, o cientista não se preocupa em receber promoções, apenas em se dedicar a sua pesquisa. Ainda assim, a curiosidade e a liberdade intelectual são insuficientes para que o pesquisador obtenha sucesso.

A comunidade científica ideal possui valores e normas que regem a conduta de seus membros. Ziman(1984, p. 84) apresenta as normas propostas por Merton em 1942:

- Compartilhamento (*Communalism*): A ciência é conhecimento público, e seus resultados devem ser acessíveis a todos.
- Universalismo (*Universalism*): Não há fontes privilegiadas de conhecimento científico. Ou seja, novos argumentos e descobertas científicas devem ser

avaliadas segundo seu próprio mérito, sem influência de nacionalidade, etnia, religião, classe, idade ou status científico daquele que os produziu.

- Desinteresse (*Disinterestedness*): Cientistas devem fazer pesquisa e apresentar seus resultados com o único motivo de contribuir com o avanço do conhecimento. Não pode haver interesse pessoal na rejeição ou aceitação de uma ideia científica.
- Originalidade (*Originality*): “Ciência é o descobrimento do desconhecido” (tradução da autora) (ZIMAN, 1984, p. 85). Resultados de pesquisas científicas devem sempre trazer novas informações, e portanto, devem contribuir com o avanço do conhecimento científico.
- Ceticismo (*Scepticism*): O conhecimento científico, seja recente ou antigo, deve ser examinado em busca de fatos incorretos ou argumentos inconsistentes.

O conjunto destas normas é conhecido como CUDOS (*Communalism, Universalism, Disinterestedness, Scepticism*) e é uma versão revisada por Ziman das normas mertonianas. Originalmente, Merton não havia incluído os valores de originalidade e ceticismo em sua lista.

Segundo Storer (1966, p. 79), Barber fez contribuições à lista de normas mertonianas acrescentando mais dois valores:

- Racionalidade (*Rationality*): crença na virtude moral da razão. Refere-se a dois objetivos a ciência: uso de testes empíricos, ao invés da tradição; e uso de abordagem crítica para todo fenômeno, no lugar de isentá-los de exames.
- Neutralidade emocional (*Emotional neutrality*): Evita que os cientistas tenham demasiado envolvimento emocional em seu trabalho, a ponto que ele não possa aceitar novas abordagens.

Para Meadows (1999, p. 50) as normas mertonianas “não são necessariamente verdadeiras” e aplicam-se apenas à comunidade científica das universidades. Um dos problemas apontados pelo autor, é que estas normas são vistas como perspectivas reais da comunidade científica, quando na realidade, as regras são desobedecidas com frequência durante a pesquisa. Bourdieu (1983) propõe uma alternativa aos valores de Merton na comunidade científica, pois afirma que todas as práticas realizadas por pesquisadores têm como objetivo adquirir autoridade científica.

2.4 CANAIS DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Um estudo dos canais de comunicação científica é importante, pois os cientistas dedicam muito tempo à leitura destes canais (MEADOWS, 1999, p. 125). Durante a leitura, além de tentar extrair sentido de um texto, o pesquisador busca as partes mais relevantes, de acordo com suas intenções, que segundo Meadows (1999, p. 124), podem ser: busca de dados específicos, interesse geral ou procura de referências. Embora leitura e citação sejam relacionadas em estudos de comunicação científica, não se pode deduzir que publicações que nunca são citadas também não são lidas.

Livros e periódicos são no geral, os canais de comunicação formal mais utilizados no meio acadêmico. “O equilíbrio entre o tempo gasto com livros e com periódicos varia segundo a matéria, mas essas duas fontes em geral superam, pelo menos no caso de pesquisadores ligados a universidades, outras fontes formais de informação” (MEADOWS, 1999, p.126). O autor também indica que para as ciências o periódico é a fonte de informação mais citada, mas para as ciências sociais, o livro tem maior importância, conforme demonstrado na Tabela 1. Estes dois canais são de fato os principais produtos de editoras científicas.

Tabela 1 – Distribuição de citações de tipos diferentes de publicação na ciência¹ e nas ciências sociais

Tipo de publicação	Ciência (%)	Ciências sociais (%)
Periódicos	82	29
Livros	12	46
Outros ²	6	25

Fonte: Meadows, 1999, p.70.

Mesmo contribuindo significativamente com a produção de títulos das editoras, os livros científicos não ocupam as posições de mais vendidos no comércio livreiro. Isto ocorre devido a produção de pequenas tiragens deste tipo de livros (MEADOWS, 1999, p. 127).

¹ Para Meadows, o termo “Ciência” refere-se a ciências exatas como Física, Biologia, Matemática.

² “Outros” corresponde principalmente a relatórios.

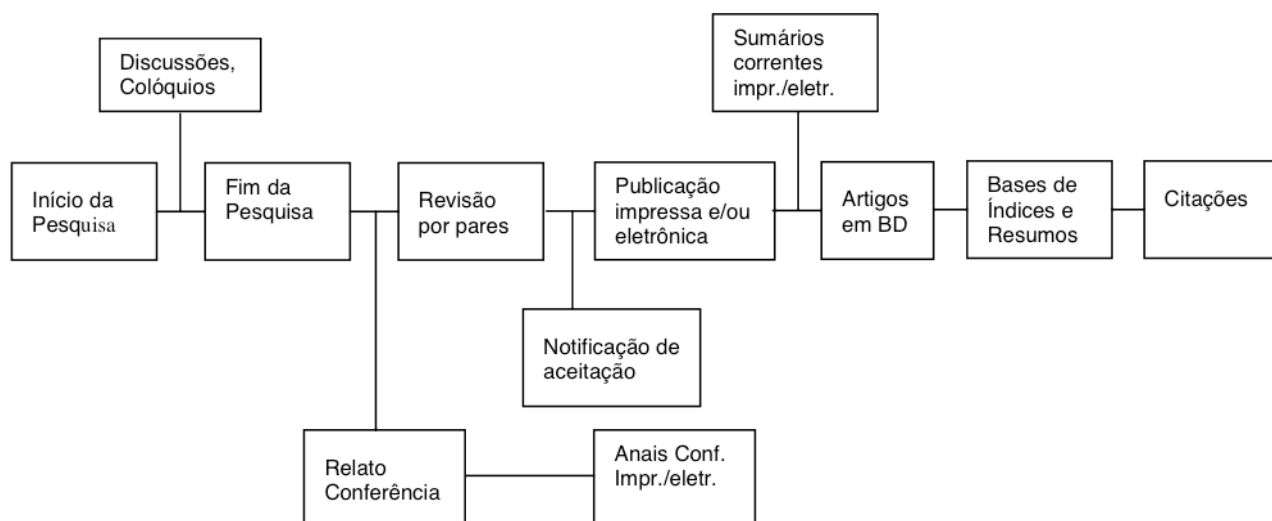
Entre os vários canais de comunicação científica, os periódicos são os mais conhecidos e difundidos. Sua importância é refletida nas bibliotecas, onde a coleção de revistas científicas pode ser um indicador de qualidade (MUELLER; CAMPELLO; DIAS, 1996). Miranda e Pereira (1996, p. 380) também destacam a importância do periódico colocando-o como “meio primário de disseminar os resultados de pesquisa e de contribuir para desenvolver o conhecimento”. Além de sua utilização na comunidade científica, os periódicos possuem um importante papel como material didático em cursos de nível superior, talvez pela falta deste material (MUELLER; CAMPELLO; DIAS, 1996). Em algumas áreas, o periódico não é o principal meio de comunicação. Por exemplo, em Ciências Sociais, o livro tem um papel tão importante quanto. Porém muitos livros científicos apresentam matéria já publicada em periódicos (MEADOWS, 2000).

Mueller, Campello e Dias (1996) apontam problemas referentes à produção editorial em Biblioteconomia e Ciência da Informação: produção pouco profissional, público restrito e falta de originais em português. No entanto, não se sabe se estes resultados se aplicam quando se analisa a Museologia, especificamente.

2.5 FLUXOS DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA

Desde o início de uma pesquisa até após a difusão deste estudo, há várias etapas que compõem o fluxo de informação científica. Há diversas etapas intermediárias e o intervalo de tempo entre elas pode variar, segundo cada área do conhecimento (VILAN FILHO, 2010). O modelo de comunicação científica proposto por Garvey/Griffith e atualizado por Hurd (ver figura 1), apresenta documentos eletrônicos e diversas formas de divulgação de uma pesquisa como conferência, publicações impressas e eletrônicas, bases de dados. Mas não apresenta diferenças entre canais formais e informais de comunicação.

Figura 1 – Modelo de Garvey/Griffith

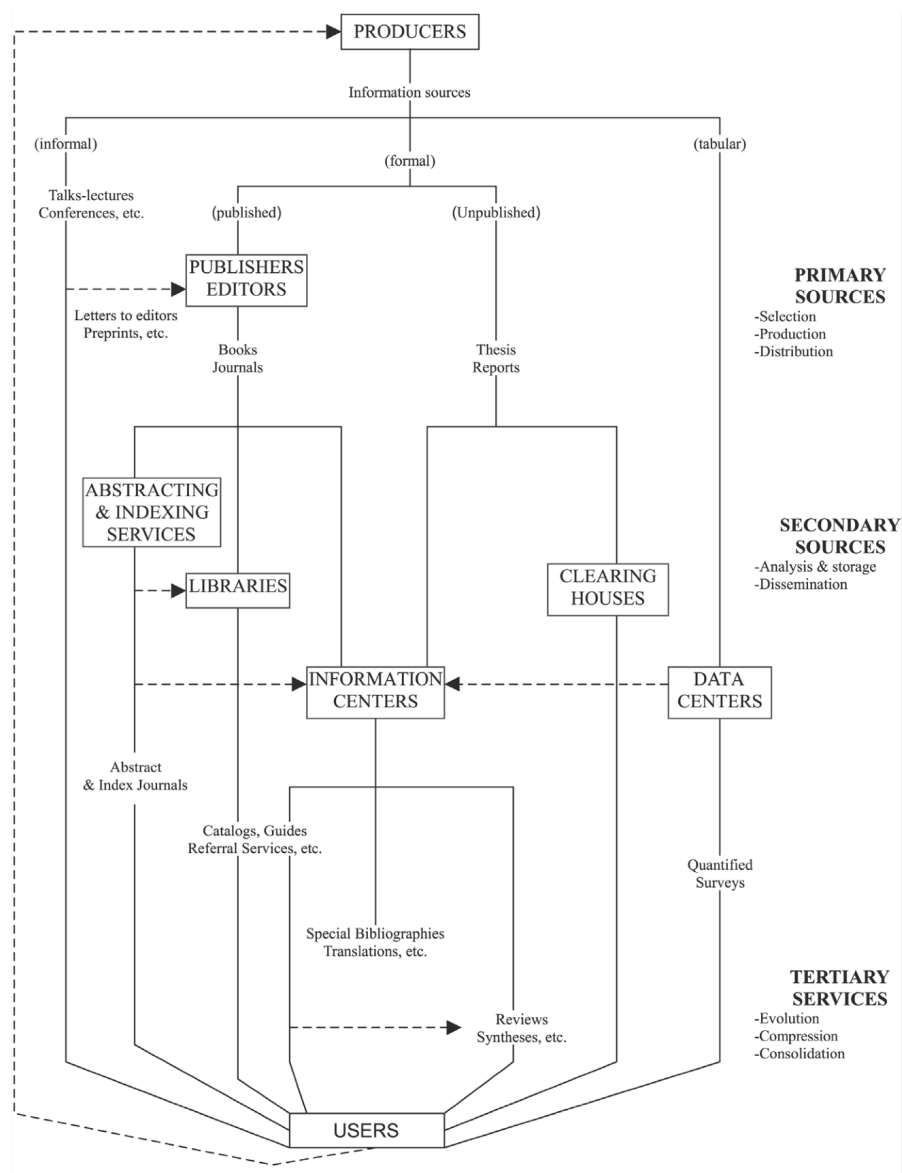


Fonte: adaptado de Hurd (1996, p.22, apud VILAN FILHO, 2010)

Em 1971 a UNISIST, programa intergovernamental de cooperação nos campos de informação científica e tecnológica, propôs um modelo de fluxo de informação científica e técnica. Para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, o modelo UNISIST oferece uma importante perspectiva das atividades de comunicação acadêmica (SONDEGAARD, 2003).

Sondegaard (2003) descreve um novo modelo, baseado no modelo UNISIST, levando em consideração a presença da internet nos fluxos de informação e a influência das tecnologias da informação. Podemos notar nele a clara divisão entre fontes de informação formais, informais e tabulares (ver Figura 2)

Figura 2 – Modelo Unisist atualizado por Sondegaard



Fonte: SONDERGAARD et alii, 2003, p.281.

2.6 COMUNICAÇÃO FORMAL X INFORMAL

Na comunidade científica, a informação pode ser transmitida por meios formais e informais. Meadows (1999, p. 7) diferencia a comunicação informal e formal afirmando que no primeiro caso, a informação é efêmera, muitas vezes falada e atinge apenas um público limitado. Com a comunicação formal, a informação é disponibilizada por um longo período de tempo para um público mais amplo. Os livros e os periódicos são exemplos de meios de comunicação formal. Embora sejam diferentes formas de

transmissão de informação, tanto a comunicação formal quanto a informal são diretamente influenciadas e afetadas pelo crescimento exponencial da comunidade científica.

Dados referentes a comunicação informal representam um difícil objeto de estudo por não estarem disponibilizados abertamente (MEADOWS, 1999). Um exemplo seria a observação de como os cientistas utilizam o correio eletrônico para comunicar-se. Pisciotta (2006, p. 125), analisando os canais sob a influência das novas tecnologias de comunicação, estabelece três categorias básicas de comunicação científica: comunicação formal, comunicação informal e comunicação eletrônica. A primeira refere-se a comunicação escrita e registrada. A segunda categoria se consolida na comunicação oral, como em reuniões científicas. A terceira categoria auxilia na manutenção dos canais informais, mesmo quando se manifestam de forma escrita. Não se pode ignorar a Internet em estudos de comunicação. Esta rede tem o múltiplo papel de reforçar as relações entre indivíduos e entre organizações (PISCIOTTA, 2006, p. 126).

As novas tecnologias da informação mudaram a dinâmica das fronteiras entre os canais formais e informais de informação científica. O modelo de Garvey e Griffith feito na década de 60 (Figura 1) privilegia os domínios formais, e por isso, não corresponde a um modelo de fluxo de informação atual (CHRISTOVÃO; BRAGA, 1997, p.41). Para Christovão e Braga (1997) Estas fronteiras têm sido interpretadas a partir dos tipos de canais de informação, mas na realidade devem ser estabelecidas de acordo com os níveis de avaliação e integração do conteúdo dos canais.

2.7 MUDANÇAS TECNOLÓGICAS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Algumas fontes teóricas utilizadas para este trabalho foram escritas anteriormente às mudanças tecnológicas que hoje influenciam diretamente a publicação de periódicos, e todos os tipos de comunicação. No entanto, para este estudo, são considerados os avanços tecnológicos e suas influências na comunicação científica.

As mudanças que acompanham os documentos científicos não ocorrem apenas atualmente. Segundo Meadows (1999), a apresentação da informação em revistas evolui desde o surgimento deste veículo de comunicação em reação às transformações tecnológicas e às novas exigências da comunidade científica. Mas é na segunda metade do século XX que a informação passa a ser disponível, transmitida e acessada digital e

eletronicamente. Para Costa (2000), estas novas tecnologias causaram aumento da dinâmica nas interações dentro das comunidades científicas. De fato, observa-se que a comunicação via internet é mais rápida, ágil e simples, do que a correspondência tradicional por correio. Por isso, o correio eletrônico é um instrumento importante na comunicação entre cientistas e acadêmicos, mesmo que de diferentes instituições.

A relação atual de documentos impressos e eletrônicos na comunicação científica é mais de complemento do que de substituição (COSTA, 2000). Ou seja, não se pode afirmar que os documentos eletrônicos atendam todas as necessidades dos usuários e que os impressos estão perdendo sua utilidade. O que ocorre, segundo a autora, é que alguns tipos de documentos são preferencialmente acessados digitalmente, como por exemplo, artigos de periódicos de livre acesso. No entanto, outros tipos de documentos, como os livros, continuam a ser lidos em formato impresso, devido a sua extensão e conforto da leitura.

2.8 MÉTODOS PARA ANALISAR A PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Independente da área de estudo, é possível utilizar diferentes métodos para analisar dados quantitativos sobre publicações científicas e sobre a comunicação científica em geral. De fato, Price (1976) definiu a ciência como fenômeno mensurável.

Os estudos sobre a comunicação científica evoluíram ao longo do tempo. Antes usava-se principalmente o método quantitativo, que concentrava-se na produção e uso da literatura científica. Atualmente, os pesquisadores utilizam métodos de outras áreas, como a Sociologia da Ciência (MUELLER, 2000). Junto com a evolução dos estudos sobre a comunicação científica, os estudos bibliométricos passaram de campo de pesquisa a técnica. Antes a bibliometria era utilizada de forma meramente quantitativa, mas agora é adotada com métodos qualitativos das ciências sociais (ARAÚJO, 2006, p. 24). Mueller (2000) definiu a bibliometria como “aplicação da estatística para descrever aspectos da literatura”. Wormell (1998, p.211) relaciona a bibliometria à análise quantitativa: “o campo da bibliometria como um todo inclui *todos os aspectos quantitativos e os modelos da comunicação científica e do armazenamento, disseminação e recuperação da informação científica*” (grifo no original). A autora ressalta que bibliotecários que conhecem técnicas bibliométricas para manusear bases de dado, podem desenvolver novas especialidades e destacam-se em seus trabalhos.

Além da bibliometria, outra técnica utilizada para estudar a literatura científica é a cientometria, também considerada relevante para este estudo. A cientometria, demonstra uma utilização de dados diferente. Além de aplicar técnicas bibliométricas, este tipo de estudo, considerado um instrumento da sociologia da ciência, utiliza métodos matemáticos e estatísticos para avaliar as atividades da pesquisa e comunicação científica. A cientometria é aplicada a dados não bibliométricos e pode ser utilizada para descrever ciências físicas e sociais (BUFREM; PRATES, 2005).

O estudo proposto utilizará técnicas bibliométricas e cientométricas e seu objeto será a comunidade de Museologia no Brasil. Por isso, a seguir apresenta-se tópico referente a esta área de estudo para que se possa compreender de forma elementar definições da Museologia, sua história e discussões sobre a área como um campo de conhecimento científico.

2.9 A MUSEOLOGIA

Hernández Hernández (2006) cita várias definições de Museologia, como a de Mensch, que a define como uma disciplina científica, ou Sola, que a descreve como “um complexo de teorias e de práticas que supõe o cuidado e a utilização do patrimônio cultural” (tradução da autora). Alonso Fernández (2010, p. 20) define a Museologia como “ciência dos museus”, diferentemente da museografia, que é definida como a técnica que aplica a Museologia. Do séc. XVIII até após a segunda guerra mundial, o termo que descrevia a ciência dos museus era museografia. Para Klausewitz (1980), a Museologia é um campo de investigação do museu como um fenômeno sócio-cultural e como uma instituição científica relacionada a pesquisa e educação.

Para tentar resolver as diferentes visões sobre os conceitos da Museologia e da Museografia, o ICOM - International Council of Museums, em Seminário sobre Formação Profissional para museus (1972), definiu um conceito de Museologia com as seguintes palavras:

Museologia é a ciência do museu; estuda a história e razão de ser dos museus, sua função na sociedade, seus peculiares sistemas de investigação, relação que guarda com o meio ambiente físico e classificação dos diferentes tipos de museus. (tradução da autora)

Recentemente surge o conceito de Nova Museologia, que enfatiza a democracia cultural, a conscientização de uma comunidade em relação à sua própria cultura, assim

como um sistema aberto e interativo e o diálogo entre sujeitos. (MAURE apud ALONSO FERNÁNDEZ, 2010, p. 27). A Nova Museologia se manifesta como um questionamento em relação às limitações da Museologia tradicional (SOLA, 1987, p. 49) e está relacionada com a Sociomuseologia, considerada como um dos mais importantes ramos da Museologia por Tsuruta (1980). Segundo o autor, um museu não pode existir independentemente de suas circunstâncias.

Há três cartas patrimoniais que estabelecem a Nova Museologia. Em 1972, a Mesa Redonda de Santiago do Chile, sobre o papel dos museus na América Latina, decide adotar resoluções necessárias para o desenvolvimento de uma Museologia que possa melhor atender à sociedade latino americana. A declaração de Quebec (1984) define o movimento de Santiago do Chile como a primeira expressão pública e internacional da Nova Museologia e que este movimento afirmou a função social do museu. Segundo a declaração, a Nova Museologia é representada pelo conjunto das formas na Museologia ativa: Ecomuseologia, Museologia Comunitária, Sociomuseologia; e interessa-se pelo desenvolvimento social. Para atingir seus objetivos, deve utilizar-se cada vez mais da interdisciplinaridade, de métodos contemporâneos da comunicação e de meios de gestão moderna que integram seus usuários. Mais tarde, a Declaração de Caracas (1992) visa atualizar conceitos e renovar os compromissos da Mesa Redonda de Santiago.

2.9.1 Breve histórico da Museologia

A história da Museologia está ligada ao desenvolvimento dos museus, que por sua vez, está relacionado à história humana (ALONSO FERNÁNDEZ, 2010). A origem do museu está na Grécia Antiga. O mouseion, ou seja, templo das musas, era o espaço no qual os gregos tentaram reunir conhecimentos da humanidade. Neste mesmo tempo surgiram espaços como pinacoteca, gliptoteca (para esculturas) e o termo tesouro, remetendo ao valor da coleção dos museus. Neste tempo, museu, biblioteca e arquivo eram espaços unidos, sem separações conceituais. Mais tarde, no renascimento, começam as especializações dos museus, assim como um maior cuidado na seleção e desenvolvimento das coleções. No Iluminismo, época em que surge o museu Louvre, há uma rejeição da especialização do museu, e observa-se maior caráter enciclopedista nas coleções. Durante o Romantismo há um maior interesse pelo exótico e surgem museus de caráter regional e nacional. Na era Industrial há maior preocupação com a

organização técnica e burocrática dos museus (RUSSIO, 1977). Durante o séc. XX, foram feitas muitas críticas à instituição do museu, em sincronia com acontecimentos culturais como, por exemplo, a revolução romântica de 1968. Esta revolução contribuiu com a renovação e aplicação da ciência museológica (ALONSO FERNÁNDEZ, 2010, p. 25). Neste mesmo período, surgem novas tipologias de museus; há um desenvolvimento dos museus de arte, em especial os de arte contemporânea, e há maior conscientização quanto ao valor do patrimônio, frente uma necessidade de redescobrir a própria cultura (ALONSO FERNÁNDEZ, 2010). Hernández Hernández (2006) afirma que atualmente há correntes que consideram que tudo pode ser museável, ampliando o conceito de museu.

O museu como uma instituição pública acessível a qualquer classe social é uma realidade recente. A Museologia é considerada uma ciência social de ação. Como consequência, atualmente, estuda-se mais a fundo a função social desta instituição (ALONSO FERNÁNDEZ, 2010).

2.9.2 *A Museologia como ciência*

Tsuruta (1980, p. 47) dividiu o desenvolvimento da Museologia em cinco etapas:

- A primeira diz respeito ao surgimento dos museus, desde a criação do Mouseion de Alexandria até a Idade Média;
- Na segunda fase, do Renascimento a Revolução Industrial, os museus e as informações disponíveis neles são mais valorizados;
- A terceira é a fase da museografia, na qual ocorre uma evolução da descrição dos museus, a partir do final do séc. XIX;
- A quarta fase é caracterizada pelo começo dos estudos científicos sobre os museus, nos anos oitenta;
- Na quinta fase, durante o final do século XX, há maior necessidade de investigações qualitativas e sistemáticas dos museus.

Observamos assim, que a partir dos anos oitenta, na quarta e na quinta fase, os museus e as atividades neles desempenhadas tornam-se objetos de estudos da ciência, mudando a forma como se observava estas instituições.

Hernández Hernández (2006, p. 21) também cita Russio, que apresenta cinco etapas de desenvolvimento da Museologia. Algumas coincidem com as fases propostas por Tsuruta, como a primeira e a segunda. Porém, na terceira fase, o autor enfatiza o

período do Iluminismo e do Romantismo. A quarta fase é caracterizada pela necessidade de especialização e profissionalização na área. A quinta fase ocorre no século XX, com maiores debates sobre a função social do museu.

Alonso Fernández (2010) considera a Museologia como uma ciência ainda em processo constituinte, mas reconhece que museólogos e museógrafos conseguiram contribuir para um grande avanço nas técnicas, organizações e funções do museu durante pouco mais um século. No séc. XX, a museologia foi desenvolvida e consolidada como ciência globalmente, tanto em culturas ocidentais como orientais.

A classificação da Museologia como área do conhecimento pode ser controversa, conforme podemos notar a seguir, com opiniões divergentes de diferentes autores. Sola (1987, p. 51) considera que a Museologia pode ser vista como área semelhante à Arquivologia, à Biblioteconomia e até certo ponto, aos estudos relacionados à informação e à comunicação. Este agrupamento é justificado pela natureza comunicativa e informativa da instituição museu. Araújo (2011) considera que a maior integração entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia como áreas da informação seja vantajosa, e que atualmente, no Brasil, esta é a tendência das áreas. Para o autor, as três áreas já não mais enfatizam seus documentos, livros e objetos, como acontecia antes. Agora, a ênfase está na ação de usar os registros de conhecimento. Por isso, as áreas têm um ponto de contato comum, que é a informação. Para Alonso Fernández (2010), a Museologia deve ser situada entre as Ciências Humanas e Sociais.

No âmbito das agências de fomento à pesquisa, a posição da Museologia dentro de uma área do conhecimento tampouco é clara. A tabela de áreas de conhecimento do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – apresenta a Museologia como uma das áreas da grande área de Ciências Sociais Aplicadas, no mesmo nível hierárquico que a Ciência da Informação, que tem como sub-áreas a Biblioteconomia e a Arquivologia (CNPq, 2005). Esta tabela também é utilizada pela Capes – Centro de aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES, 2009).

Além das agências de fomento, a ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação -, que é a entidade científica das áreas de informação no Brasil, possui um grupo de trabalho sobre “Museu, patrimônio e informação”.

2.9.3 *A produção científica de Museologia no Brasil*

Não foram encontrados estudos específicos sobre a comunidade científica de Museologia no Brasil. Foram feitas pesquisas no portal de periódicos da CAPES, na base da BRAPCI e na ABCDM, uma base desenvolvida na Faculdade de Informação da UnB, que contém referências de artigos de periódicos e de congressos das áreas de informação. A pesquisa também foi realizada em catálogos de bibliotecas como a do IBICT e a Biblioteca Central da UnB e na internet. Foram utilizadas, durante a pesquisa, as palavras-chave: Museologia, comunicação científica, comunidade científica, bibliometria e cientometria. Os resultados das buscas não trouxeram resultados relevantes em relação a comunidade científica de Museologia. Alguns estudos, como o de Monteiro (2009) e de Vilan Filho (2010), sobre a comunicação científica nas áreas de informação abordam alguns aspectos específicos sobre a comunidade de Museologia.

Em estudo sobre os periódicos das áreas de informação, Monteiro (2009, p.44) afirma que os museólogos têm espaço para publicar seus trabalhos em periódicos científicos. A autora analisou artigos de duas revistas de Museologia: Anais do Museu Histórico Nacional, e Revista Brasileira de Museus e Museologia. Ela pôde constatar que a maioria dos artigos das revistas refere-se, de fato, à Museologia. No entanto, comparando artigos de Museologia com artigos de outras áreas da informação (Biblioteconomia, Arquivologia, Documentação e Ciência da Informação) a autora constatou que há baixa presença de artigos de Museologia nas revistas das áreas de informação. Entre todos os 4.872 artigos publicados entre 1972 a 2007 em revistas das áreas de informação analisados pela autora, apenas 5% representam a área de Museologia, demonstrando a baixa produção da área em relação a outras áreas de informação. No entanto, a autora afirma que houve crescimento na porcentagem dos artigos de Museologia, especialmente durante os anos 1990 e 2000. Vilan Filho (2010) estudou as relações de co-autoria nas áreas de informação e constatou que a Museologia possui poucos artigos produzidos em autoria múltipla, em relação a outras áreas de informação.

Em relação aos canais mais usados pela comunidade é possível que a comunidade científica de Museologia se comporte de forma semelhante aos cientistas das áreas citadas. Segundo Mueller (2005), pesquisadores das Ciências Sociais Aplicadas dão

preferência ao uso de periódicos e livros. Por isso, é possível que a comunidade de Museologia também prefira estes documentos.

3 PROBLEMA

O desconhecimento quanto ao comportamento de pesquisadores de uma área gera dificuldades de comunicação, por exemplo, no momento em que um autor escolhe um meio de publicação para divulgar seu trabalho. Foi demonstrado por Meadows (1999) que as áreas do conhecimento podem ter preferências diferentes quanto aos tipos de canais de comunicação. Informações sobre estes canais podem orientar autores sobre as publicações de suas pesquisas. Também órgãos e instituições que fornecem bolsas e outras formas de incentivo à pesquisa têm necessidade de dados que demonstrem o modo de comunicação entre pesquisadores, auxiliando o processo de tomada de decisão. Da mesma forma, bibliotecas e centros de documentação que atendem pesquisadores em Museologia melhorariam seus acervos e atenderiam de forma mais eficaz seus usuários, com informações sobre esta comunidade científica, especialmente no momento em que há a criação de vários cursos universitários da área no Brasil.

Portanto, o problema da área de Museologia no Brasil é que não há informações acessíveis para a tomada de decisões que possam auxiliar: autores a escolher canais de publicação, instituições a fornecer fomento à pesquisa, e bibliotecas a atender melhor usuários da área de Museologia. Além disso, o conhecimento de uma comunidade científica e os estudos de comunicação científica são de grande importância, como demonstrado por Miranda e Pereira (1996), Meadows (1999) e Suaiden(2000), citados em seção anterior, sobre a comunicação científica.

4 PERGUNTAS

A partir do problema acima, temos as seguintes perguntas relacionadas aos canais de comunicação científica utilizados na última década pela comunidade de museologia no Brasil:

- Quais são os tipos de documentos mais referenciados pelos autores da área?
- Quais são as nacionalidades dos canais de comunicação?
- Quais são os idiomas dos canais de comunicação?

A monografia proposta buscará responder a estas questões, visando melhor compreensão sobre os canais utilizados pela comunidade científica de Museologia.

5 OBJETIVO

O objetivo geral da monografia é identificar e caracterizar os canais de comunicação mais utilizados pelos autores de artigos de Museologia publicados no período de 2000 a 2009 em periódicos brasileiros de Museologia.

5.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos são:

- Identificar os tipos de canais mais usados pelos autores de museologia, ou seja, livros, capítulos de livros, periódicos entre outros;
- Identificar os idiomas mais lidos pelos autores;
- Identificar a nacionalidade dos documentos mais consultados;

6 METODOLOGIA

Algumas definições encontradas na literatura são expostas a seguir para que se compreenda conceitos referentes ao estudo realizado:

Artigo: “unidade editorial identificada implícita ou explicitamente em um fascículo de periódico científico” (VILAN FILHO, 2010, p. 69).

Bibliometria: “técnica quantitativa e estatística de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico” (ARAÚJO, 2006, p. 12).

Canal de comunicação formal: Canal de comunicação onde as informações são registradas e disseminadas de forma impressa e eletrônica. (Baseada na definição de MEDEIROS, 1984, p. 114)

Comunicação científica: “Processo que envolve a construção, comunicação e uso do conhecimento científico com o objetivo de promover sua evolução. Compreende canais formais e informais utilizados pelos cientistas tanto para comunicar os resultados de sua pesquisa, como para se informar sobre os resultados alcançados por outros pesquisadores” (LARA, 2006, p. 395).

Comunidade científica: “Redes de organizações e relações sociais formais e informais que desempenham várias funções. Uma das funções dominantes é a de comunicação” (LE COADIC, 2004, p. 31).

Museologia : É a ciência dos museus e se ocupa de tudo o que concerne estas instituições (ALONSO FERNÁNDEZ, 2010).

Referência : “Indicação que encaminha o usuário a um texto, a uma entrada em catálogos e índices, a uma base de dados, a um banco de dados ou a fontes de informações pertinentes ao assunto solicitado” (CUNHA, 2008, p. 312).

Para analisar os canais de Museologia no Brasil, foi feito um estudo descritivo das referências dos artigos da área, baseado em método quantitativo. Estudos de natureza descritiva são aqueles que buscam descobrir as características de um fenômeno, que neste caso é a utilização dos canais de comunicação científica pelos autores de Museologia no Brasil. Devido a impossibilidade de analisar todos os artigos da área, o estudo se baseou em amostragem. Segundo Richardson (1999, p. 70) o método quantitativo, utiliza a quantificação tanto na coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas. A bibliometria, relacionada à análise

quantitativa, foi utilizada, assim como a cientometria, pois estas são técnicas utilizadas para analisar atividades da comunicação científica.

A amostragem aleatória simples possui as seguintes vantagens apontadas por Richardson (1999, p.162) : simplicidade para calcular; análise facilitada; e não exige grande conhecimento da população. O tamanho da amostra foi determinado de forma que se alcance proporções mínimas estabelecidas estatisticamente. Segundo Richardson (1999, p. 168) é usual trabalhar com um erro de 4 ou 5% e erros maiores que 6% não são aceitos.

Portanto, de acordo com o número de artigos de museologia presentes na base ABCDM, foi selecionada uma quantidade de elementos que evite margens de erro maiores do que 5% na amostragem. O cálculo utilizado para obter o erro padrão (S) é $S = \sqrt{(P.Q/n)}$, onde P e Q são os parâmetros populacionais do binomial ($Q=1-P$ e $P=1-Q$) e n é o número de casos (BABBIE apud VILAN FILHO, 2010, p. 72).

Todas as variáveis tratadas no trabalho são nominais e discretas, pois não há relações hierárquicas entre os diferentes valores que uma variável pode obter. Neste trabalho, diferentes variáveis foram observadas em relação aos canais de comunicação da museologia: tipos de documento; nacionalidade e idioma. A relação entre estas variáveis é de independência. Cada uma destas variáveis, apresentará diversos valores, conforme a observação das referências.

O estudo utiliza amostra aleatória, ou seja, todos os elementos tiveram a mesma probabilidade de ser escolhidos (RICHARDSON, 1999, p. 160).

A seguir são expostos os elementos de estudos de amostragem de métodos quantitativos deste trabalho:

O universo do estudo é composto pelo conjunto de artigos de periódicos de Museologia da base ABCDM, publicados em periódicos de Museologia. A população do estudo do universo será formada pelos 189 artigos publicados entre 2000 a 2009.

Todas as variáveis presentes no trabalho são nominais discretas e são listadas a seguir:

- Tipo de documento: caracteriza os documentos referenciados segundo o formato. Seus valores possíveis são: livro, capítulo de livro, artigo, monografia, evento, sítio, notícia, relatório e outros.
- Idioma: possui diversos valores possíveis: português, inglês, francês, espanhol, alemão, italiano.

- Nacionalidade: Indica o país de publicação dos documentos referenciados. Os valores possíveis são: Portugal, Brasil, Estados Unidos, Reino Unido, França, Espanha e Outros.

Todas as variáveis são relacionadas com a unidade de análise: referência bibliográfica. As referências do artigo da amostra foram analisadas e categorizadas de acordo com as diversas variáveis.

7 DESENVOLVIMENTO

O trabalho foi realizado em cinco etapas, listadas cronologicamente a seguir.

7.1 OBTENÇÃO DA AMOSTRA

Os artigos que compõem a amostra foram selecionados a partir da base ABCDM, que apresenta referências de artigos das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Museologia. Especifica-se a população de artigos publicados de 2000 a 2009. Foi escolhido este período pois, levando em consideração o tempo disponível para o estudo, o intervalo de 10 anos de publicações de artigos representa a maior abrangência de tempo possível de ser estudada. Esta também é a década mais atual disponível para o estudo, pois até o momento da pesquisa, os registros referentes aos anos de 2010 e 2011 ainda não estavam completamente inseridos na base ABCDM.

Após feita a busca por artigos de Museologia publicados de 2000 a 2009, recuperamos 189 artigos, dos quais foram selecionados 100, a partir da tabela de números aleatórios de Babbie (apud VILAN FILHO, 2010). Artigos considerados exclusivos das áreas de História, Arte ou Antropologia não foram incluídos na amostra, tampouco artigos que não apresentavam referências. Todos os 100 artigos puderam ser acessados eletronicamente. Estes pertencem às revistas brasileiras: Anais do Museu Histórico Nacional, Musas, Revista Museu, Jovem Museologia, Museologia e Patrimônio.

A lista dos 100 artigos que compõem a amostra pode ser visualizada no Apêndice A. Os registros estão dispostos segundo seu número MFN, que é o identificador de artigos da base ABCDM.

7.2 CONTAGEM

Uma vez selecionada a amostra, os artigos foram acessados e armazenados de forma eletrônica. As últimas páginas dos artigos, que contêm notas e referências, foram impressas para conferência dos dados. Todas as referências contidas nos artigos foram

analisadas, totalizando 1402 referências estudadas. Cada referência foi categorizada segundo o tipo de documento, idioma, e o país de publicação.

Durante a contagem de ocorrência dos valores das variáveis, foram preenchidos formulários. Cada formulário se refere a um artigo da amostra, ou seja, um caso. Eles foram identificados segundo o seu número de registro (MFN), que é o mesmo utilizado na base ABCDM. Cada formulário contém três tabelas referentes as suas respectivas variáveis, nesta ordem: tipo de documento, país de publicação, idioma. Cada coluna das tabelas apresenta possíveis valores, obtidos a partir de pré-testes. O modelo de formulário pode ser visualizado no Apêndice A.

7.2.1 Critérios

Alguns critérios que foram utilizados durante a contagem de referências merecem esclarecimentos por tratarem de exceções. Estes critérios são apresentados a seguir.

Em relação ao tipo de documento: a categoria Trabalhos se refere a teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias de conclusão de curso. Na categoria “Outros” estão os seguintes tipos de documentos: fascículo de periódico, coleção de livros, plano diretor, catálogo de exposição, folheto de exposição, folheto em geral, trabalho de faculdade, entrevista, recibo, mimeo, processo, música, dossiê, poesia, carta, certidão, ata, discurso, documento não publicado, projeto, apostila de curso, inventário e documento histórico. Este documentos, individualmente, tiveram ocorrências inferiores a 2% do total de referências. Na categoria Evento, estão todos os documentos relacionados a seminários, congressos, simpósios. Estes documentos podem ser de artigos a palestras transcritas.

Em relação ao idioma: Os idiomas considerados para a contagem são os consultados pelos autores. Ou seja, em obra traduzida, considera-se a tradução utilizada, e não o idioma original. Como esta variável apresentou poucos valores, não foi criada uma categoria “Outros”.

Em relação ao local de publicação: algumas referências apresentam dois locais de publicação. Isto ocorre quando um documento é editado por uma editora que possui filiais em vários países, e todos são foram transcritos na referência. Nestes casos foi considerado o primeiro local citado, respeitando as normas de referência da ABNT, NBR 6023. Porém, nos casos de co-edição de diferentes editoras de mais de um país, foram

considerados todos os países. Ou seja, algumas referências tiveram dois locais de publicação. Por isso o total de países contados, 1405, é maior do que o número total de referências analisadas, 1402. A categoria “Outros” é composta pelos países: Alemanha, Itália, Cuba, México, Canadá, Argentina, Suécia, Holanda, Chile, Equador, Paraguai, Dinamarca, Bélgica, Noruega e Suíça. Cada um destes valores teve ocorrência inferior a 1% do total de referências. Para identificar o local, foram consultados os sítios das respectivas editoras. Ainda assim, em oito referências não foi possível identificar o local de publicação. Estas estão na categoria N.I. – Não Identificado.

Alguns artigos da amostra apresentam as referências na seção de notas, junto com observações e comentários. Estas referências foram analisadas, mesmo contendo as expressões “sobre este assunto confira...” ou “veja também...”. Em outros casos, as referências são apresentadas separadas das notas. Nos artigos organizados desta forma, foi analisada apenas a seção de referências, quaisquer citações fora desta seção foram desconsideradas.

7.3 CONFERÊNCIA

Após o preenchimento dos formulários foi feita uma nova contagem utilizando as referências impressas. A segunda contagem possibilitou a correção de erros, assim como a revisão de critérios de análise.

7.4 PREENCHIMENTO DE PLANILHAS

Uma vez que os formulários estavam corretos, os dados dos formulários foram transcritos em planilhas do programa Excel, versão 2003. Nestas planilhas, as primeiras colunas são identificadas por MFN, as colunas seguintes representam todos os valores de todas as variáveis, assim como o total de referências de cada caso.

7.5 CRIAÇÃO DE TABELAS E GRÁFICOS

Posteriormente, os dados da planilha foram somados através da função SOMA. Os dados gerados com esta função foram inseridos nas tabelas, cujos dados foram organizados de forma decrescente. Também foram realizados cálculos de divisão, para

obtenção das médias de referências por artigo. A partir das tabelas criadas, foram criados gráficos no programa Word, versão 2007.

8 RESULTADOS

Os dados obtidos a partir das 1402 referências de 100 artigos de museologia são apresentados a seguir através de tabelas e gráficos. As tabelas apresentam o número total de referências (Nr. Ref.) encontradas nos 100 artigos analisados, o percentual deste número em relação ao todo, assim como o erro padrão (S1) segundo a amostra. Também pode-se observar a quantidade de artigos nos quais pode-se encontrar ao menos um tipo de referência (Nr. Art.), assim como seu erro padrão (S2). As colunas de total de Artigos (Nr. Art.) não apresentam somatório de seus valores pois vários artigos tiveram diversos tipos de referências. No final destas colunas é apresentado o total de artigos da amostra. Nas últimas colunas, apresenta-se a média de aparição de referências por artigo.

Apresenta-se também gráficos de coluna e pizza, para melhor comparação entre os valores das variáveis.

8.1 TIPO DE DOCUMENTO

A seguinte tabela é classificada pelos tipos de documentos mais referenciados em ordem decrescente.

Tabela 2 – Referências de artigos de Museologia categorizadas por tipo de documento

Tipo	Nr. Ref.	(%)	S1	Nr. Art.	S2	Média
Livro	572	40,80%	1,31%	91	2,86%	6,29
Artigo	311	22,18%	1,11%	69	4,62%	4,51
Cap. Liv.	177	12,62%	0,89%	72	4,49%	2,46
Monografia	66	4,71%	0,57%	39	4,88%	1,69
Evento	57	4,07%	0,53%	26	4,39%	2,19
Sítio	35	2,50%	0,42%	13	3,36%	2,69
Notícia	34	2,43%	0,41%	9	2,86%	3,78
Relatório	28	2,00%	0,37%	15	3,57%	1,87
Outros	122	8,70%	0,75%	43	4,95%	2,84
Total	1402	100,00%	---	100	---	14,02

Onde: Nr. Ref. = total de referências de cada tipo de documento; S1 = margem de erro do total de referências; Nr. Art. = total de artigos que contém o tipo de referência; S2= margem de erro do total de artigos; Média = Nr. Ref./Nr. Art

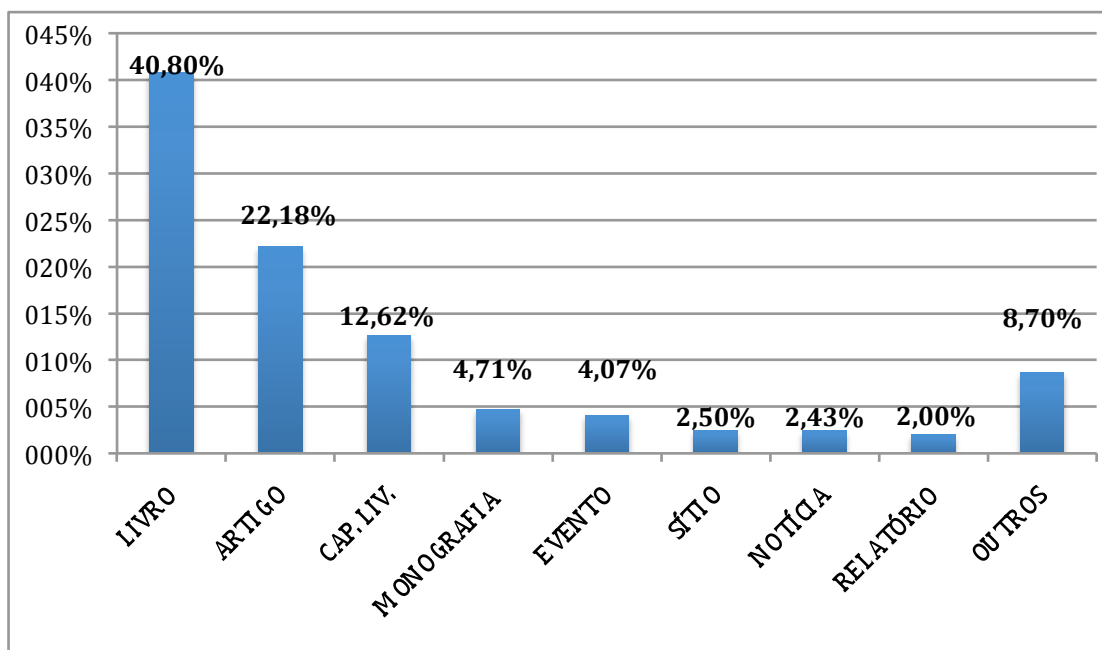
Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se na Tabela 2 que o livro, o artigo de periódico e o capítulo de livro são os três tipos de documentos mais citados pelos autores de artigos de Museologia. Considerando o livro e o capítulo de livro, tem-se 53,42% das referências. Ou seja, mais da metade das referências analisadas são relacionadas a livros. O artigo, que representa 22,18% das referências, demonstra ser uma canal utilizado pelos autores de Museologia, mas seu percentual ainda é menos da metade do percentual de livro e capítulo de livro juntos.

Observa-se na última coluna da tabela 2 que livro, artigo e notícia tiveram maior média de referências por caso. Os autores que recorrem a estes tipos de documento os utilizaram com maior frequência do que outros documentos.

No gráfico 1, que mostra os percentuais de referências segundo seu tipo de documento, é possível visualizar a diferença entre a quantidade de referências de livros e outros tipos de documentos. Nota-se também que a categoria Outros, teve a quarta maior quantidade de referências. Os destaques desta categoria são os tipos catálogo, fascículo de periódico e folheto de exposição.

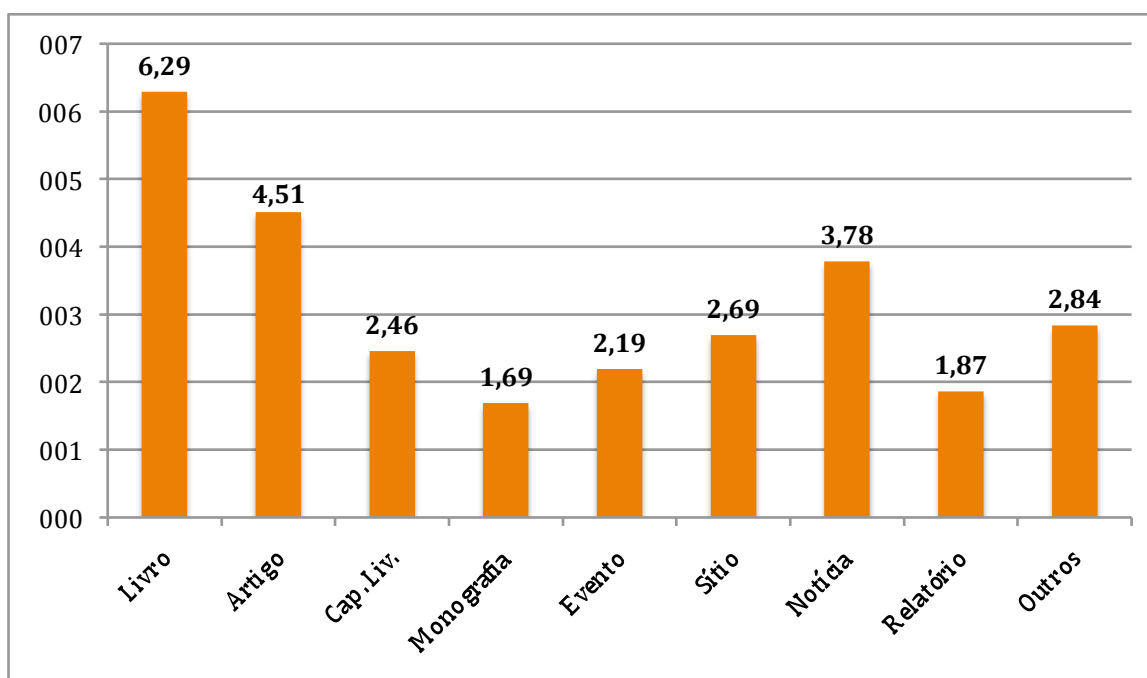
Gráfico 1 – Percentual de referências por tipo de documento (n=1402)



Fonte: Elaboração da autora.

O Gráfico 2 apresenta comparação entre a média de ocorrência dos tipos de documentos por artigo. Observa-se que no geral, os documentos que apresentam referências de livros, artigos e notícias, citaram estes documentos com mais frequência em relação a outros tipos.

Gráfico 2 – Média de referências por artigo segundo tipo de documento



Fonte: Elaboração da autora.

8.2 NACIONALIDADE

A seguir são apresentados dados referentes às nacionalidades dos documentos citados nos artigos de Museologia.

Tabela 3 – Referências de artigos de Museologia categorizadas por Nacionalidade.

País	Nr. Ref.	(%)	S1	Nr. Art.	S2	Média
BRASIL	1089	77,51%	1,11%	96	1,96%	11,34
EUA	85	6,05%	0,64%	26	4,39%	3,27
PORTUGAL	55	3,91%	0,52%	37	4,83%	1,49
FRANÇA	54	3,84%	0,51%	24	4,27%	2,25
R.U.	44	3,13%	0,46%	18	3,84%	2,44
ESPANHA	18	1,28%	0,30%	13	3,36%	1,38
N.I.	8	0,57%	0,20%	8	2,71%	1,00
OUTROS	52	3,72%	0,51%	46	4,98%	1,13
TOTAL	1405	100,00%	---	100	---	14,05

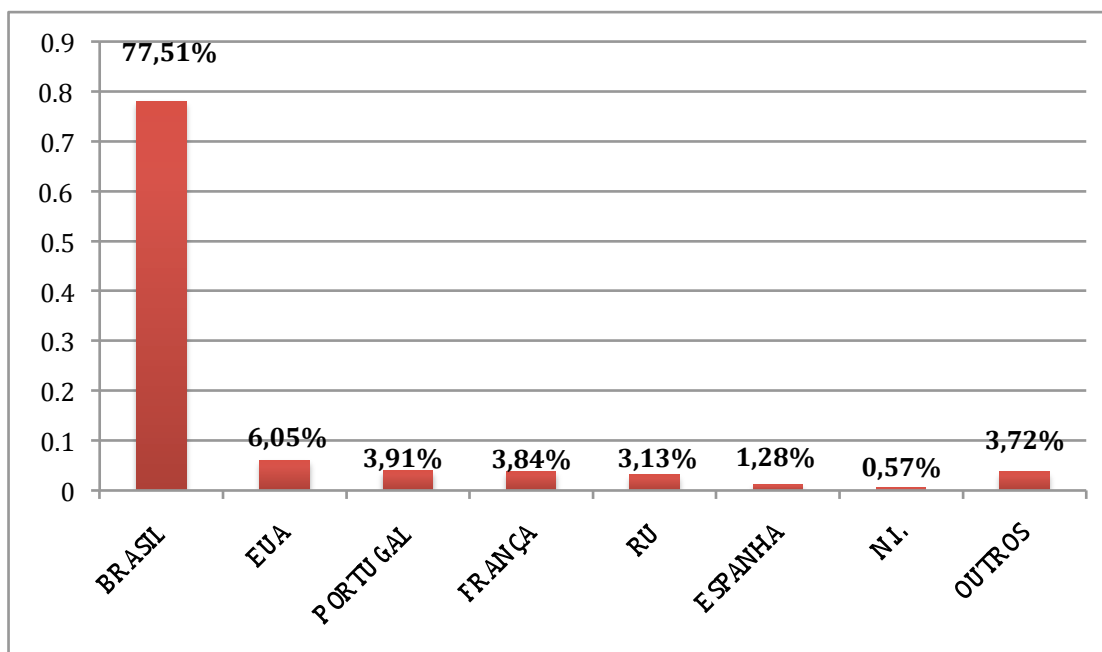
Onde: Nr. Ref. = total de referências segundo nacionalidade; S1 = margem de erro do total de referências; Nr. Art. = total de artigos que contém as referências do país; S2= margem de erro do total de artigos; N.I. = Não identificado; Média = Nr. Ref/Nr. Art.

Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se na Tabela 3, que 77,51% das referências são de documentos publicados no Brasil. Os Estados Unidos, segundo país com maior quantidade de referências, representam apenas 6,05% do total. Todos os países presentes na amostra, com exceção do Brasil, representam menos de 25% de toda a amostra. A categoria Outros apresenta 3,75% das referências, um percentual maior que as referências do Reino Unido e da Espanha.

O gráfico 3 ilustra a diferença de quantidade de referências de documentos brasileiros em relação à quantidade de referências de outras nacionalidades.

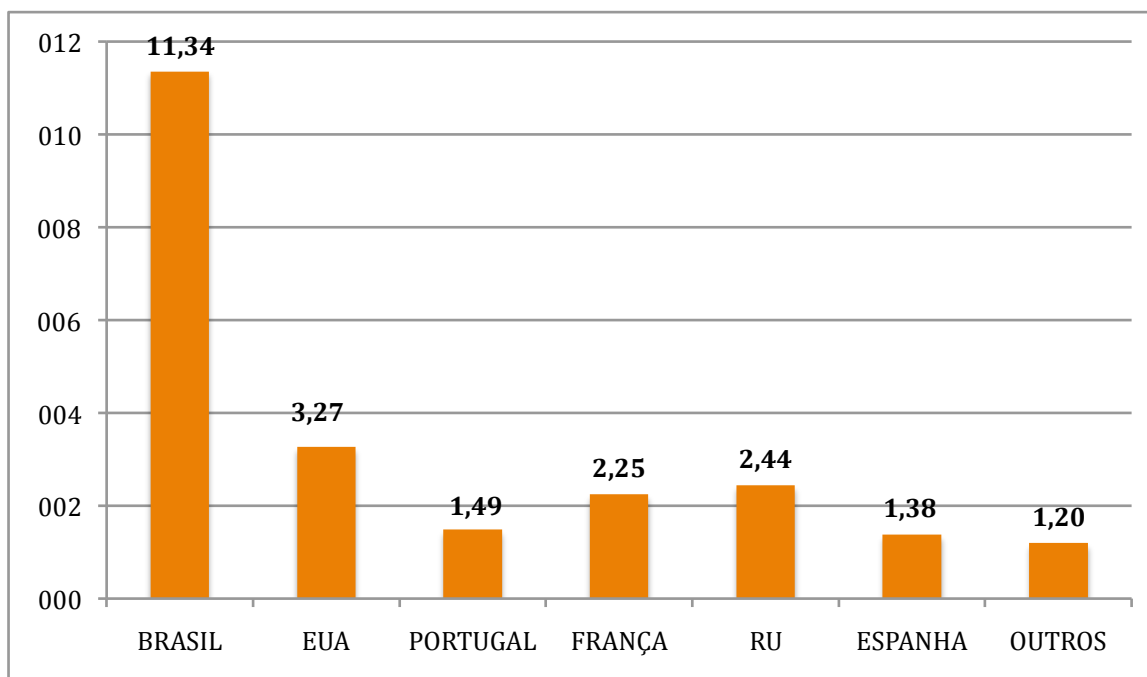
Gráfico 3 – Percentual de referências por nacionalidade (n=1405)



Fonte: Elaboração da autora.

A partir do gráfico 4, nota-se que também o Brasil é o país com maior média de referências por artigo. Portugal e França tiveram quantidade similar de referências, mas os documentos portugueses estiveram presentes em mais artigos do que documentos franceses. Percebe-se que os autores de artigos de Museologia no Brasil citam com maior frequência documentos também brasileiros, e portanto, preferem utilizar e acessar fontes brasileiras às fontes estrangeiras.

Gráfico 4 – Média de referências por artigo segundo sua nacionalidade



Fonte: Elaboração da autora.

8.3 IDIOMA

A tabela 4 indica os idiomas das referências analisadas.

Tabela 4 – Referências de artigos de Museologia categorizadas por idioma

Idioma	Nr. Ref.	(%)	S1	Nr. Art.	S2	Média
PORT.	1148	81,88%	1,03%	96	1,96%	11,96
INGLÊS	147	10,49%	0,82%	38	4,85%	3,87
FRANCÊS	54	3,85%	0,51%	23	4,21%	2,35
ESPAN.	39	2,78%	0,44%	25	4,33%	1,56
ALEMÃO	6	0,43%	0,17%	2	1,40%	3,00
ITALIANO	8	0,57%	0,20%	1	0,99%	8,00
TOTAL	1402	100,00%	---	100	---	14,02

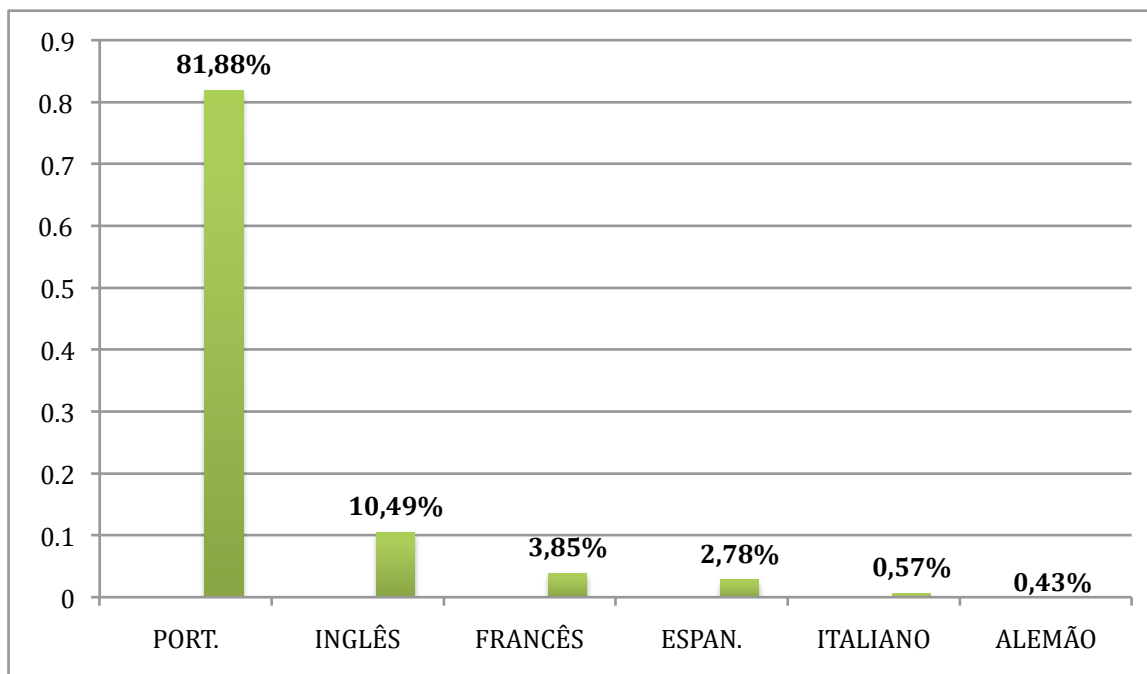
Onde: Nr. Ref. = total de referências segundo idioma; S1 = margem de erro do total de referências; Nr. Art. = total de artigos que contém as referências ; S2= margem de erro do total de artigos; Média = Nr. Ref/Nr. Art.

Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se que 81,88% das referências estão em língua portuguesa. O segundo idioma mais presente nas referências foi o inglês, com 10,49%. Entre português e inglês, há uma diferença de 1001 referências. Juntos, os idiomas inglês, francês, espanhol,

alemão e italiano, representam menos de 20% do total de referências, como ilustra o gráfico 5.

Gráfico 5 – Percentual de referências por idioma (n=1402)

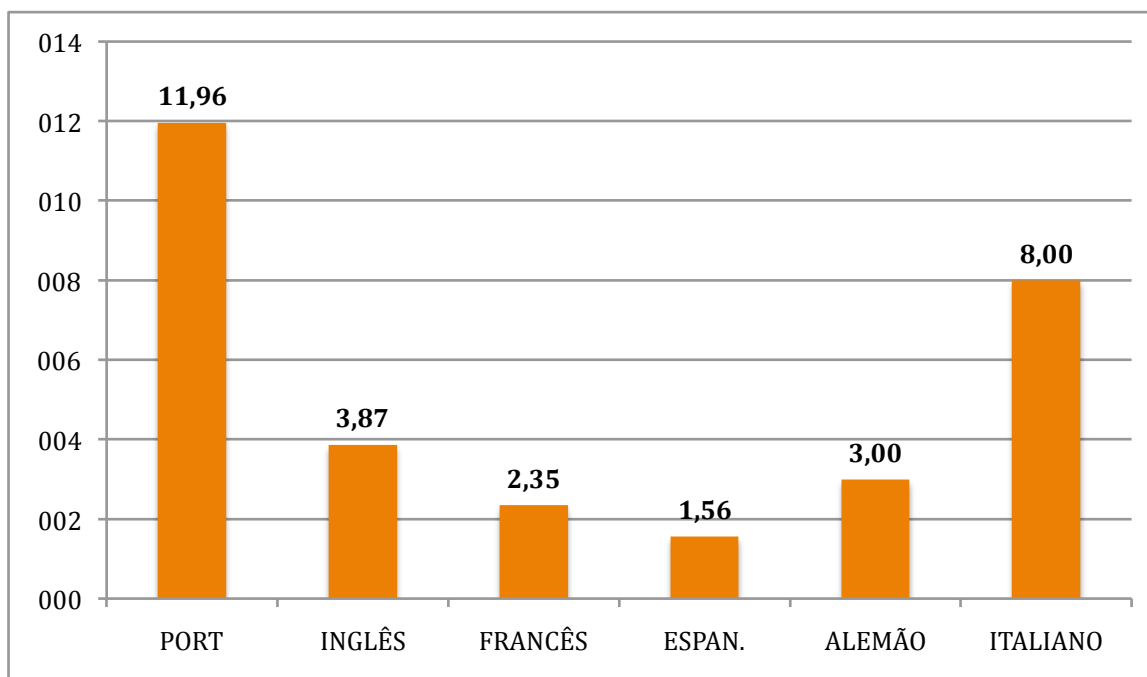


Fonte: Elaboração da autora.

O gráfico 6 ilustra a média de referências, de acordo com o idioma. Os artigos que citam documentos em português, citam, em média 11,96 documentos deste idioma. O idioma italiano também teve a segunda média mais alta, mas isto ocorreu porque apenas um artigo citou oito documentos em italiano, conforme indicado na tabela 4.

O português é o idioma mais citado pelos autores de Museologia no Brasil, e a partir desta afirmação, pode-se inferir que é o idioma mais lido nesta comunidade.

Gráfico 6 – Média de referências por artigo segundo idioma



Fonte: Elaboração da autora.

Os autores de artigos de Museologia publicados no Brasil demonstram ter preferência por documentos escritos em português. Eles são mais citados em suas obras, e portanto mais lidos e consultados.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento da Ciência, no sentido de que atualmente há um grande número de pesquisadores e de publicações científicas, torna necessário o estudo da comunicação científica em diferentes áreas do saber. Este tipo de estudo é fundamental para a análise de uma comunidade científica, pois a forma de se comunicar caracteriza estas comunidades. Ainda assim, a comunidade científica de Museologia é pouco conhecida em relação a seus comportamentos informacionais, mesmo sendo esta área do conhecimento considerada uma ciência institucionalizada pelos seus autores. Este trabalho buscou identificar algumas características em relação aos canais utilizados pelos autores de Museologia. O estudo bibliométrico sobre os canais utilizados pela comunidade científica de Museologia no Brasil revelou dados até então desconhecidos e inexistentes na literatura. Com este trabalho foram comprovadas três características da comunidade científica de Museologia no Brasil: Há preferência de leitura de livros em relação a outros documentos; a comunidade científica consulta e cita principalmente documentos brasileiros; o idioma mais lido e citado pelos autores de Museologia é o português. A partir dos resultados obtidos, pode-se afirmar que o objetivo do trabalho, que era identificar características dos canais da comunidade científica brasileira de Museologia, foi plenamente atingido.

As referências analisadas indicam que os autores de Museologia citaram mais livros do que outros tipos de documentos. Isto demonstra que a Museologia de fato se enquadra no contexto das ciências sociais, que citam mais livros do que artigos de periódico. Este fato levanta questões sobre esta preferência. Qual será o tema dos livros mais consultados? Serão estes livros sobre Museologia, ou sobre outras áreas do conhecimento? Também há questões sobre os periódicos de Museologia, que embora não sejam citados como os livros, tiveram a segunda maior média de citações por casos. Serão os periódicos pouco difundidos na comunidade de Museologia? Será possível que haja poucos pesquisadores que utilizem os periódicos, mas estes os utilizam com grande frequência?

O Brasil foi o país de origem de mais de 80% das citações analisadas. E o português se mostrou o idioma mais consultado pelos autores de Museologia. Isso mostra que a produção nacional é valorizada e utilizada nesta comunidade científica. Mas estes dados também podem indicar que existem barreiras linguísticas para os

autores de Museologia e portanto, estes autores limitam-se a consultar aquilo que é publicado em seu próprio idioma. Por outro lado, pode haver dificuldade de acesso às obras internacionais, que podem não ser comercializadas no Brasil. Também é possível que estudos de outros países não estejam adequados à realidade das práticas museológicas brasileiras e portanto, não são lidos aqui.

Com as informações obtidas neste estudo é possível avaliar, em partes, se as bibliotecas universitárias do Brasil possuem acervo adequado com as preferências e necessidades dos pesquisadores da área, principalmente no momento em que há criação de novos cursos universitários de Museologia no país. Também aqueles que fazem parte desta comunidade científica podem estar mais cientes de certas características de seus pares e, portanto, tomar decisões com maior facilidade em relação às formas de publicações de suas pesquisas. Agências de fomento e de incentivo à pesquisa agora podem utilizar os dados obtidos neste estudo para auxiliar processos de tomada de decisão.

Espera-se que os dados apresentados neste trabalho possam servir de parâmetro para futuros estudos sobre a comunidade científica de Museologia. Visto que atualmente há criação de novos cursos de Museologia, e que pode haver mudanças na área no decorrer dos próximos anos, a repetição deste estudo no futuro pode demonstrar características da evolução desta área no Brasil. Este trabalho pode servir também como uma base de comparação entre a Museologia e outras áreas de conhecimento.

Visto que o livro é o documento mais referenciado e, portanto, utilizado pelos cientistas museólogos, seria interessante um estudo sobre este documento na comunidade de Museologia, avaliando as editoras que mais contribuem com a publicação de livros em Museologia, e se estes livros consultados são específicos da própria área ou se tratam de outras áreas do conhecimento. Um estudo sobre os pesquisadores da área de Museologia, seus hábitos de pesquisa e leitura, poderia responder questões sobre o motivo da preferência pela língua portuguesa e por documentos nacionais.

REFERÊNCIAS

ANCIB. Grupos de trabalho. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/pages/grupos-de-trabalho.php>> Acesso em: 28 abr. 2012

ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

ARAÚJO, Carlos Alberto. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações institucionais e teóricas. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Ciência da Informação. Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luís. **Museología y museografía**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2010. 4. ed.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.123-155. Reproduzido de BOURDIEU, P. Le champ scientifique. Actes de la recherche em sciences sociales, n.2/3, jun. 1976, p.88-104. Tradução de Paula Montero.

BUFREM, Leilah; PRATES, Yara. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005

CAPES. **Tabela de áreas do conhecimento**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento>> Acesso em: 28 abr. 2012.

CHRISTOVÃO, Heloisa Tardin; BRAGA, Gilda Maria. Ciência da informação e sociologia do conhecimento científico: a intertematicidade plural. **Transinformação**, v. 9, n. 3, p. 33-45, set./dez., 1997.

CNPq; CAPES; FINEP. Comissão especial de estudos. **Nova tabela das áreas do conhecimento**. Setembro, 2005. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>> Acesso em: 28 abr. 2012.

COSTA, Sely M. S. Mudanças no processo de comunicação científica: o impacto do uso de novas tecnologias. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima. (Orgs.). **Comunicação científica**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 85-105

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

GARVEY, W. D. **Communication**: the essence of science. Oxford: Pergamon, 1979.

DECLARAÇÃO de Quebec: princípios de base de uma nova museologia. Quebec: ICOM, 1984.

DECLARAÇÃO de Caracas. Caracas: ICOM, 1992.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. **Planteamientos teóricos de la museología**. Gijón, ES: Trea, 2006.

KING, Donald W.; TENOPIR, Carol. A publicação de revistas eletrônicas: economia da produção, distribuição e uso. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 176-182, maio/ago. 1998

KLAUSEWITZ, Wolfgang. Museology: science or just practical museum work? **Museological Working Papers**, Stockholm, n. 1, p. 11, 1980.

LARA, Marilda Lopes Ginez de (Org). Glossário: termos e conceitos da área de comunicação e produção científica. In: POBLACIÓN, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. (Orgs). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. p. 387-414

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 2. ed.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. **Levantamento e análise da terminologia brasileira em ciência da informação**. Brasília: Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Biblioteconomia, 1984. (Dissertação de Mestrado)

MESA Redonda de Santiago do Chile. Santiago do Chile: ICOM, 1992.

MIRANDA, Dely bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. **Ciência da Informação**, v.25, n.3, p. 375-382, set./dez. 1996

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais preferenciais. **DataGramZero**, v.6, n.1, fev. 2005. Artigo02.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; CAMPELLO, Bernadete Santos; DIAS, Eduardo Wense. Disseminação da pesquisa em ciência da informação e biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, v.25, n3, 1996.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice. As questões da comunicação científica e a Ciência da Informação. In: _____. **Comunicação científica**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 13-22

ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

PISCIOTTA, Kátia. Redes sociais: articulação com os pares e com a sociedade. In: POBLACIÓN, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da.

(Orgs). **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. p. 115-135

PRICE, Derek John de Solla. **Desenvolvimento da ciência**: Análise histórica, filosófica, sociológica e econômica. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976. 77 p.

REIS, Luciana Monteiro de Barros. **Periódicos científicos brasileiros das áreas de informação (1972-2007)**: representatividade das áreas do conhecimento nos artigos. 2009. Monografia apresentada como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

RICHARDSON, Jarry Roberto. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999. 3. ed. rev. e ampl.

RUSSIO, Waldisa. **Museu, uma das organizações sociais num país em desenvolvimento**. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência), Fundação Escola de Sociologia de São Paulo. São Paulo, 1977.

STORER, Normam W. **The social system of science**. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.

SUAIDEN, Emir J. Apresentação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima. (Orgs.). **Comunicação científica**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 11-12

TSURUTA, Soichiro. Museology: science or just practical museum work? **Museological Working Papers**, Stockholm, n. 1, p. 47-49, 1980.

VILAN FILHO, Jayme Leiro. **Autoria múltipla em artigos de periódicos científicos das áreas de informação no Brasil**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

WEITZEL, Simone da Rocha. Fluxo da informação científica. In: POBLACIÓN, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. (Orgs). **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. p. 81-114

WORMELL, Irene. Informetria: explorando bases de dados como instrumentos de análise. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 210-216, maio/ago. 1998

ZIMAN, John M. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. 164 p

ZIMAN, John M. **An introduction to science studies**: the philosophical and social aspects of science and technology. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO

MFN: _____

Tipo Documento

Livro	Artigo	Cap. liv.	Evento	Tese	Doc. Hist.	Relatório	Outros

Nacionalidade

Brasil	EUA	RU	França	Canadá	Portugal		

Idioma

Português	Inglês	Francês	Espanhol	

APÊNDICE B – ARTIGOS DA AMOSTRA

Apresenta-se a lista dos artigos utilizados no estudo, retirados da base ABCDM. Cada caso é identificado pelo seu número de registro.

0094

AUT: Vânia Carneiro de Carvalho; Solange Ferraz de Lima .

TIT: Fotografias como objeto de coleção e de conhecimento: por uma relação solidária entre pesquisa e sistema documental.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.32, 2000, p. 15-34.

0095

AUT: Pedro Karp Vasquez .

TIT: Mudança de foco: A criação de Departamento de Fotografia, Vídeo e Novas Tecnologias do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. (Relato de experiência e algumas considerações correlatas).

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.32, 2000, p. 35-50.

PCH: Museu de Arte Moderna-RJ; fotografia; vídeo; novas tecnologias; museu-coleção.

0101

AUT: José Bittencourt .

TIT: Museu Histórico Nacional, 1931: o nascimento de uma nova museografia no Brasil?.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.33, 2001, p. 9-17.

0102

AUT: Paulo Knauss .

TIT: O cavalete e a paleta: arte e prática de colecionar no Brasil.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.33, 2001, p. 23-44.

0103

AUT: Maria Isabel Ribeiro Lenzi .

TIT: Pereira Passos colecionador.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.33, 2001, p. 45-58.

0104

AUT: Vera Beatriz Siqueira .

TIT: Certeza da forma, fracasso do estilo: a paixão pela atualidade do colecionador Castro Maya.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.33, 2001, p. 59-72.

0106

AUT: Valéria Salgueiro .

TIT: Uma memória em cores: a trajetória artística do pintor Antônio Parreiras vista por sua coleção Antônio Parreiras.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.33, 2001, p. 87-104.

0107

AUT: Sônia Materno; Dulce Seixas Cardoso .

TIT: Da coleta à coleção: caminhos da arte na obra de Arthur Bispo do Rosário.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.33, 2001, p. 105-112.

0110

AUT: Marcelo Abreu .

TIT: Coleção e cidade: imagens urbanas e prática de colecionar.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.33, 2001, p. 141-152.

0121

AUT: Cêça Guimaraens .

TIT: O problema do estilo na idéia de museu.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.34, 2002, p. 37-51.

0122

AUT: Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães .

TIT: Expondo a história: Imagens construindo o passado.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.34, 2002, p. 71-86.

0125

AUT: Lia Silvia Peres Fernandes .

TIT: Acervo um sentido a partir da classificação.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.34, 2002, p. 131-1481.

0126

AUT: Vera Lucia Bottrel Tostes .

TIT: Museu Histórico Nacional, 80 anos: de fortaleza ao maior museu de história brasileira.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.34, 2002, p. 153-166.

0127

AUT: Solange de Sampaio Godoy; Luiz Carlos Antonelli Lacerda .

TIT: Museografia e museu: um estudo de caso nos 80 anos do Museu Histórico Nacional.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.34, 2002, p. 167-188.

0129

AUT: Paulo Seda .

TIT: Uma história com muito mais de 500 anos: um breve panorama do povoamento pré-colonial do Rio de Janeiro.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 15-44.

0130

AUT: Francisco Salvador Veríssimo; William Seba Mallmann Bittar .

TIT: A evolução urbana da antiga cidade de São Sebastião: algumas considerações.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 45-62.

0135

AUT: Vera Alencar .

TIT: Museografia Contemporânea: suas opções.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 125-134.

0136

AUT: Márcia Chuva; Luiz Cristiano de Andrade .

TIT: Papéis monumentais: a cidade do Rio de Janeiro e o patrimônio documental brasileiro.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 135-152.

0137

AUT: Cláudia Penha dos Santos; Marcus Granato .

TIT: Um típico museu brasileiro na área de ciência e tecnologia: o Museu de Astronomia e Ciências Afins.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 153-164.

0139

AUT: Lia Silvia Peres Fernandes .

TIT: Gustavo Barroso e o seu tempo.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 179-196.

0141

AUT: Cleber José das Neves Reis .

TIT: Uma "marca barrozeana": a primeira exposição permanente do Museu Histórico Nacional.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 213-226.

0143

AUT: Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira .

TIT: Ouro Preto: a cidade sagrada.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 249-265.

0144

AUT: Norma Botelho Portugal; Jorge Cordeiro de Melo .

TIT: Atribuição ou autoria?: os ovais de Leandro Joaquim.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 271-288.

0145

AUT: Inês Gouveia .

TIT: Um documento sobre o monumento: revisitando um objeto clássico da coleção do Museu Histórico Nacional.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 289-300.

0146

AUT: Jorge Cordeiro de Melo .

TIT: O rio de Machado de Assis na pintura do Museu Histórico Nacional: uma visita guiada.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 301-322.

0149

AUT: Angela Cardoso Guedes .

TIT: Crianças: ausentes dos discursos museográficos do Museu Histórico Nacional.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, n.35, 2003, p. 363-385.

0156(TRAB) 4659 (ABCDM) [M]

AUT: Angela Cardoso Guedes .

TIT: Brinquedos: por uma política de aquisição.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.36, 2004, p. 25-40.

0157

AUT: João Luiz Domingues Barbosa .

TIT: Trabalhando com a memória.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.36, 2004, p. 41-58.

0158

AUT: Lia Silvia Peres Fernandes; Luiz Fernando de Carvalho Abreu .

TIT: Restauração de Pintura: memória em prática.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.36, 2004, p. 59-76.

0161

AUT: Ana Maria Mauad .

TIT: Ver e Conhecer: o uso da fotografia nos Anais do Museu Histórico Nacional.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.36, 2004, p. 117-142.

PCH: Museu Histórico Nacional; Anais do Museu Histórico Nacional (1940-); fotografia.

0162

AUT: Inês Gouveia .

TIT: Objetos presentes, indivíduos passados: estudante, visitante e público nos Anais do Museu Histórico Nacional, 1940-1975.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.36, 2004, p. 143-156.

0164

AUT: José Neves Bittencourt .

TIT: Um museu em tinta e papel: Os Anais do Museu Histórico Nacional, 1940-1995.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.36, 2004, p. 181-204.

0165

AUT: Vera Lúcia Bottrel Tostes .

TIT: De viatura fúnebre a coche real: a importância da Heráldica na restauração das carruagens do MHN.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.36, 2004, p. 210-224.

0167

AUT: Cleber José das Neves Reis .

TIT: Museu Histórico Nacional: suas rodas do leme.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.36, 2004, p. 241-258.

0170

AUT: Thais Gomes Fraga .

TIT: Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul: a incessante construção de uma política museológica..

IMP: MUSAS, v.1, n.1, 2004, p. 86-106.

0171

AUT: Lucia Hussak van Velthem; Franciza Lima Toledo; Alegria Benchimol; Rosa Lourenço Arraes; Ruth Cortez de Souza .

TIT: A coleção etnográfica do Museu Goeldi: memória e conservação.

IMP: MUSAS, v.1, n.1, 2004, p. 121-134.

0172

AUT: Mário Chagas .

TIT: Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio.

IMP: MUSAS, v.1, n.1, 2004, p. 135-146.

0174

AUT: Marília Xavier Cury .

TIT: Os usos que o público faz do museu: a (re)significação da cultura material e do museu.

IMP: MUSAS, v.1, n.1, 2004, p. 86-106.

0176

AUT: Mário Chagas .

TIT: Cultura, Patrimônio e Memória.

IMP: Revista Museu, 2004.

0178

AUT: Márcia Chuva .

TIT: Intelectuais e Estado: disputas em torno da noção de patrimônio nacional.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.37, 2005, p. 41-68.

0179

AUT: Angela Cardoso Guedes .

TIT: Acervos de brinquedos em museus brasileiros e sua potencialidade documental.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.37, 2005, p. 69-.

0180

AUT: Alessandra Sirigni; Inês Gouveia .

TIT: Um clique nos museus: A relação dos museus com o ciberespaço.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.37, 2005.

0181

AUT: Gilvan Rodrigues dos Santos .

TIT: Recolhendo a imagem da imagem: a experiência do MHAB na informatização de acervos fotográficos.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.37, 2005, p. 119-138.

0184

AUT: Thiago Carlos Costa .

TIT: Andar e viver no artefato: A cidade e a memória em duas visões do Centro do Rio de Janeiro do século XX.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.37, 2005, p. 182-195.

PCH: cidade; Representação; Memória; Exposição;

0185

AUT: José Neves Bittencourt .

TIT: Memória para o futuro: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e seu museu, 1839 -1889.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.37, 2005, p. 195-226.

0187

AUT: Paulo Knauss .

TIT: o desafio de representar o futuro: a estátua eqüestre de D. Pedra 11e os sentidos da escultura monumental no Brasil.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.37, 2005, p. 237-253.

0188

AUT: Adler Homero Fonseca de Castro .

TIT: Chuchu: uma patente de arma brasileira nas coleções do MHN.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.37, 2005, p. 246-281.

0189

AUT: Ana Lourdes de Aguiar Costa .

TIT: Um olhar para cima: conhecendo uma obra alegórica no Museu Histórico Nacional.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.37, 2005, p. 313-.

0191

AUT: Marli Lopes da Costa; Ricardo Vieiralves de Castro .

TIT: De `Templo das Musas` à `casa dos deuses`: A Psicologia Social vai aos museus de ciência.

IMP: Revista Museu, 2005.

0193

AUT: Adler Homero Fonseca de Castro .

TIT: Navios, museus e a resistência negra: o Quilombo da Cabaça como estudo de caso.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.38, 2006, p. 45-70.

0194

AUT: Diogo Menezes Costa .

TIT: Arqueologia Histórica nas Lavras do Abade: uma proposta de gestão do patrimônio.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.38, 2006, p. 71-102.

0197

AUT: Telma Lasmar Gonçalves .

TIT: Lazer é prazer. Museu dá prazer?: uma análise da relação do morador de Niterói com o seu Museu de Arte Contemporânea.

IMP: MUSAS, n.2, 2006, p. 26-40.

0198

AUT: Maria Margaret Lopes .

TIT: Bertha Lutz: e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais.

IMP: MUSAS, n.2, 2006, p. 41-47.

0200

AUT: Giane Vargas Escobar; Leonardo Veronimo Lameira; Lucienne Rossi Lopes Limberger .

TIT: Museu Treze de Maio: memória e identidade negra em Santa Maria (RS).

IMP: MUSAS, n.2, 2006, p. 58-68.

0202

AUT: Viviane Panelli Sarraf .

TIT: A inclusão dos deficientes visuais nos museus.

IMP: MUSAS, n.2, 2006, p. 81-86.

0205

AUT: Átila Tolentino .

TIT: O Sistema Brasileiro de Museus e outros sistemas: uma análise comparativa.

IMP: MUSAS, n.2, 2006, p. 106-115.

0206

AUT: Joseania Miranda Freitas; Livia Maria Baêta da Silva; Luzia Gomes Ferreira .

TIT: Ações afirmativas de caráter museológico no Museu Afro-Brasileiro/UFBA.

IMP: MUSAS, n.2, 2006, p. 116-126.

0207

AUT: Roseane Maria Rocha de Carvalho .

TIT: As transformações da relação museu e público sob a influência das tecnologias da informação.

IMP: MUSAS, n.2, 2006, p. 127-139.

0208

AUT: Maria Christina Barbosa de Almeida .

TIT: A informação em museus de arte: de unidades isoladas a sistemas integrado.

IMP: MUSAS, n.2, 2006, p. 140-155.

0209

AUT: Claudia Barbosa Reis .

TIT: O conceito de objeto na obra memorialística de Pedro Nava.

ISSN: 1980-6345, v.1, n.1, jan., 2006, p. 1-5. Revista Jovem Museologia

0215

AUT: Bruno César Brulon Soares .

TIT: Entendendo o Ecomuseu: uma nova forma de pensar a Museologia.

ISSN: 1980-6345, v.1, n.2, ago., 2006, p. 1-24.

0216

AUT: Juliana Monteiro .

TIT: Em busca da poesia da vida: a gestão de Lina Bo Bardi no MAM - BA (1959-1964).

ISSN: 1980-6345, v.1, n.2, ago., 2006, p. 1-24. – Jovem museologia

0219

AUT: Yara Mattos .

TIT: Os Museus e os Jovens.

IMP: Revista Museu, 2006.

PCH: museu; jovem; história da arte; museologia.

0222

AUT: Rosali Henriques .

TIT: Os museus e a internet: interação no ciberespaço.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.39, 2007, p. 245-254.

0223

AUT: Sibeles Cazelli .

TIT: Características do contexto escolar e familiar que promove o acesso dos jovens aos museus.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.39, 2007, p. 263-284.

0224

AUT: Maria Iloni Seibel; Paula Bonatto; Marcelle R. N. Pereira .

TIT: Museus e centros de ciências: um espaço de contribuição para a formação do jovem?.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.39, 2007, p. 329-344.

0225

AUT: Antonio Sgamellotti; Brunetto Giovanni Brunetti; Costanza Miliani .

TIT: A química da arte: os materiais na escultura, pintura e cerâmica do Renascimento .

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.39, 2007, p. 367-386.

0227

AUT: Roberta Lopes Leite .

TIT: Projeto de conservação fotográfica: o caso Museu Gasa de Cora Coralina.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.39, 2007, p. 399-415.

0228

AUT: Angela Cardoso Guedes .

TIT: Coleções e museus.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.39, 2007, p. 421-432.

0229

AUT: Antonio Cláudio Lopes Ribeiro .

TIT: As políticas de aquisição do MHN (1922 x 1996): do protagonismo das elites ao discurso dialético da diversidade da representação social brasileira.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.39, 2007, p. 433-454.

0231

AUT: Arjun Appadurai; Carol A. Breckenridge .

TIT: Museus são bons para pensar: o patrimônio em cena na Índia.

IMP: MUSAS, n.3, 2007, p. 10-26.

0232

AUT: Elena Fioretti; Luis Fernando Lazzarin .

TIT: O museu e o público jovem: imaginário de gerações.

IMP: MUSAS, n.3, 2007, p. 27-31.

0233

AUT: Amalhe Baesso Reddig; Maria Isabel Leite .

TIT: O lugar da infância nos museus.

IMP: MUSAS, n.3, 2007, p. 32-41.

0234

AUT: Emerson Dionisio Gomes de Oliveira .

TIT: Arte coletiva: um problema para arte-educadores?.

IMP: MUSAS, n.3, 2007, p. 42-49.

0237

AUT: Anna Paola P. Baptista .

TIT: Absolutamente modernos?: a arte brasileira das bienais e dos MAMs e os desafios de uma coleção particular.

IMP: MUSAS, n.3, 2007, p. 67-78.

0238

AUT: Aparecida M. S. Rangel .

TIT: Vida e morte no museu-casa.

IMP: MUSAS, n.3, 2007, p. 79-84.

0240

AUT: Inês Gouveia; Vera Dodebei .

TIT: Memórias de pessoas, de coisas e de computadores: museus e seus acervos no ciberespaço.

IMP: MUSAS, n.3, 2007, p. 93-100.

0242

AUT: Núbia Soraya de Almeida Ferreira .

TIT: Um museu vivo, chamado Sacaca.

IMP: MUSAS, n.3, 2007, p. 109-116.

0243

AUT: Márcia Scholz de Andrade Kersten; Anamaria Aimoré Bonin .

TIT: Para pensar os museus: ou 'quem deve controlar a representação do significado dos outros?'

IMP: MUSAS, n.3, 2007, p. 117-128.

0245

AUT: Átila Bezerra Tolentino .

TIT: Cultura, mercado e políticas públicas: breves considerações.

ISSN: 1980-6345, v.2, n.4, jul./dez., 2007, p. 4-18. – Jovem museologia

0246

AUT: Carlos Alberto Santos Costa .

TIT: Proposta de instrumento documental museológico complementar para as coleções arqueológicas do MAE/UFBA.

ISSN: 1980-6345, v.2, n.4, jul./dez., 2007, p. 4-23. – Jovem museologia

0247

AUT: Sarah Maggitti .

TIT: O ideário pedagógico de Anísio Teixeira: reformas e reconstruções educacionais na Bahia.

ISSN: 1980-6345, v.2, n.4, jul./dez., 2007, p. 4-14. Jovem museologia

0248

AUT: Cátia Rodrigues Barbosa .

TIT: Fenomenologia-Museologia: interface de culturas.

IMP: Revista Museu, 2007.

0249

AUT: Gisele Inês Baller .

TIT: Museu: espaço de identidade.

IMP: Revista Museu, 2007.

0250

AUT: José Claudio Alves Oliveira .

TIT: O Patrimônio Total: dos Museus Comunitários aos Ecomuseus.

IMP: Revista Museu, 2007.

PCH: museu comunitário; ecomuseu; patrimônio; museologia.

0253

AUT: Francisco Régis Lopes Ramos .

TIT: As tramas do objeto no ensino de história: The Plots of the Object in the Teaching of History.

IMP: Anais do Museu Histórico Nacional, v.39, 2007, p. 284-306.

0255

AUT: Dauto da Silveira .

TIT: Reflexões em relação à questão metodológica na Educação Museu.

IMP: Revista Museu, 2008.

0256

AUT: Yara Mattos .

TIT: Museus Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento: relação entre correntes historiográficas, educação e utilização de acervos museológicos.

IMP: Revista Museu, 2008.

PCH: museu-função social; educação; acervo museológico; historiografia; museologia.

0259

AUT: Bianca Pataro .

TIT: Resultados e impasses na restauração de imagens sacras em Itabirito.

IMP: Revista Museu, 2009.

0261

AUT: Carlos Alberto Santos Costa .

TIT: Museologia e Arqueologia: parte 1.

IMP: Revista Museu, 2008.

0262

AUT: Melina Gomes Vergolino Eleres .

TIT: O Museu Emilio Goeldi: a luta pela revitalização e as leis de incentivo à cultura.

IMP: Revista Museu, 2008.

0263

AUT: Anna Maria Alves Linhares .

TIT: Museu do Marajó: o museu de curiosidades interativas da região Amazônica.

IMP: Revista Museu, 2008.

0265

AUT: Márcio Couto Henrique .

TIT: Um museu hospitalar: aprendendo com pacientes/visitantes do Museu da Santa Casa do Pará.

IMP: Revista Museu, 2008.

0267

AUT: Dauto da Silveira .

TIT: Os esquetes como ações educativas em museus.

IMP: Revista Museu, 2007.

0270

AUT: Andre Andion Angulo .

TIT: A outorga onerosa do direito de construir e o patrimônio cultural.

IMP: Revista Museu, 2007.

0275

AUT: Tânia Ramos Fortuna .

TIT: Museu é lugar de brincar?.

IMP: Revista Museu, 2007.

NOT: Versão condensada do texto "O Museu em Jogo", inédito.

0276

AUT: Lena Vania Pinheiro .

TIT: Itinerários epistemológicos da instituição e constituição da informação em arte no campo interdisciplinar da Museologia e da Ciência da Informação.

IMP: Museologia e Patrimônio, v.1, n.1, jul./dez., 2008, p. 9-17.

0277

AUT: Diana Farjalla Correia Lima .

TIT: Herança cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu : releitura e reflexões.

IMP: Museologia e Patrimônio, v.1, n.1, jul./dez., 2008, p. 33-43.

0279

AUT: Tereza Cristina Scheiner .

TIT: O museu, a palavra, o retrato e o mito.

ISSN: 1984-3917, v.1, n.1, jul./dez., 2008, p. 57-73. Revista Museologia e Patrimônio

0280

AUT: Hildegard K. Vieregk .

TIT: Jesuit reducciones in the context of UNESCO world heritage.

IMP: Museologia e Patrimônio, v.1, n.1, jul./dez., 2008, p. 74-82.